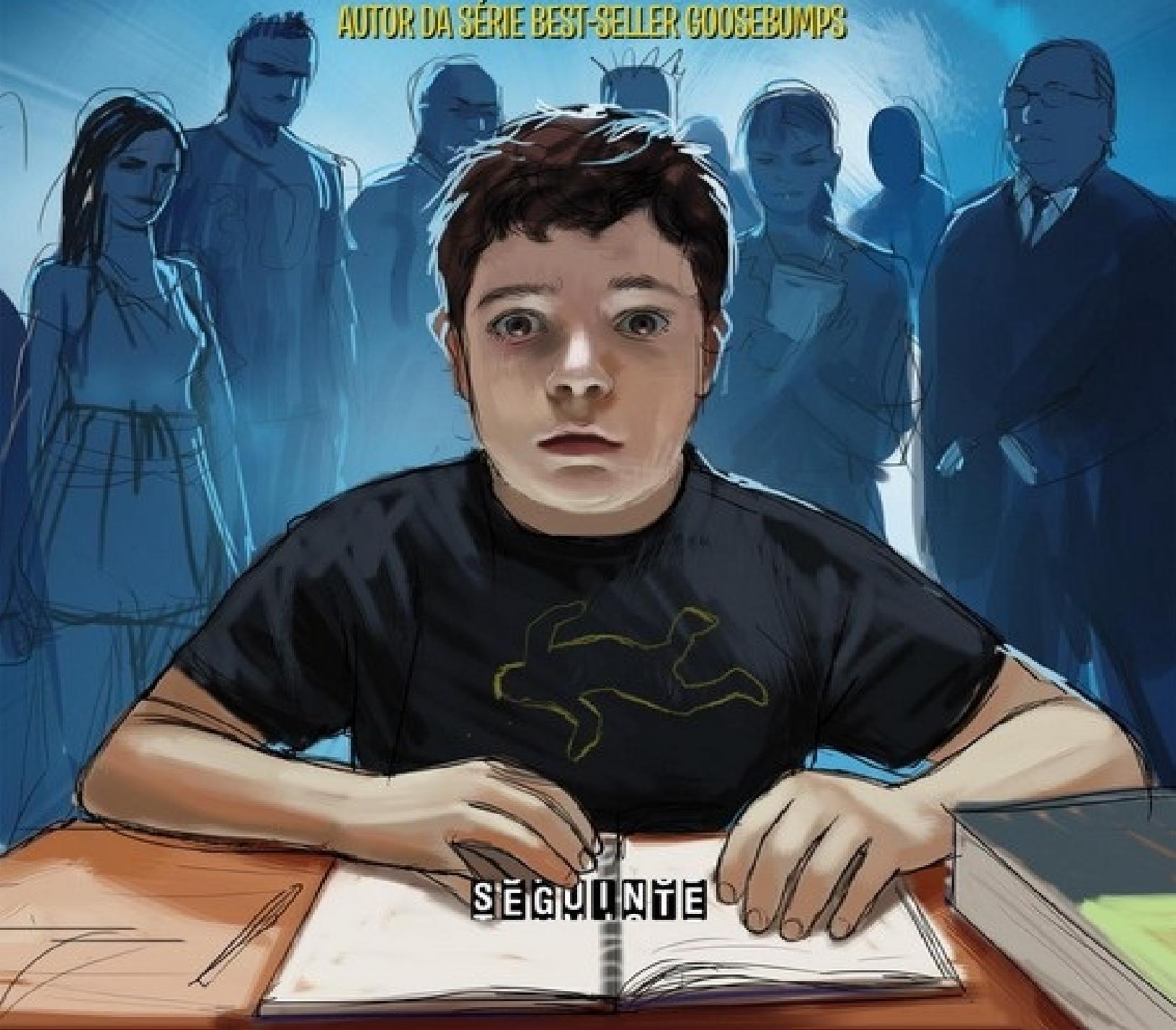


É O PRIMEIRO DIA DE AULA... SEMPRE!

R.L. STINE

AUTOR DA SÉRIE BEST-SELLER GOOSEBUMPS



SÉGUI-NTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





O selo jovem da Companhia das Letras

Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a Seguinte, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

**É O PRIMEIRO
DIA DE AULA...
SEMPRE!
R.L. STINE**

Tradução
ANDRÉ CZARNOBAI

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

*Para Jean,
que sempre tem as ideias
mais assustadoras*

PRIMEIRO DIA

Meu nome é Artie Howard e, bom, lá vai: este é o pior dia da minha vida.

O que poderia ser pior que hoje?

Bom, imagine que você tenha uma consulta com o dentista, e ele tenha que abrir um buracão no seu dente. Ele fica ali, cavoucando e cavoucando e cavoucando com a broca. Por horas.

Imagine como você se sentiria. O dentista nunca faz uma pausa para descanso. Ele simplesmente segue triturando e cavoucando e triturando e cavoucando até chegar no seu cérebro.

Você está sentindo? Consegue imaginar?

Bem... meu dia foi pior do que isso. Muito pior.

Esqueça o dentista. Não chega nem perto. Deixe o dentista pra lá. Tenho uma história muito mais dolorosa para contar.

A manhã começou com *muita* dor. O despertador tocou e eu caí da cama.

Bati minha cabeça no chão uma ou duas vezes. Cheguei a ver estrelas, que nem nos desenhos animados.

Eu estava dormindo profundamente, mas agora tinha acordado e piscava com força para tentar me livrar da dor que fazia minha cabeça latejar — e para ver se o quarto parava de girar.

Antes que eu conseguisse me levantar, mamãe entrou no quarto.

“Artie, o que você está fazendo deitado aí no chão?”

“Meus exercícios matinais”, eu disse.

Tá bom, eu sou metido a espertinho mesmo. Mas um pouco de senso de humor nunca fez mal a ninguém, não é?

Papai sempre diz que sou um “sabichão”, e ele não fala isso no bom sentido. Mas eu prefiro ser um sabichão a ser um bobalhão — você não?

“Você não tem tempo para fazer exercícios”, mamãe disse. “É o primeiro dia de aula, lembra?”

Bufei. “Acho que você me lembrou disso pelo menos umas cem vezes.”

Mamãe me ajudou a levantar. Ela me olhou meio de lado. “Como é que você fez esse galo na cabeça?”

“Sorte”, eu disse. Esfreguei o galo. Doeu. Então parei de esfregar.

Mamãe começou a juntar as roupas que eu tinha jogado no chão na noite anterior. Ela era assim.

Mamãe sorriu para mim. “Espero que você goste da nova escola.”

Ela tem um sorriso lindo. Na verdade, talvez seja a mãe mais bonita de todos os tempos. Tem o cabelo loiro bem claro, os olhos azuis brilhantes e covinhas no rosto quando sorri.

Ela diz que trabalhou como modelo depois da faculdade. Mas, como gostava de

comer, teve que desistir.

Toda a minha família gosta de comer. Muito. O que talvez explique por que *nenhum* de nós quatro é magro.

Você poderia dizer que somos meio gordinhos. Mas estaria sendo grosseiro.

Pisquei mais algumas vezes. Eu ainda estava meio tonto por ter batido com a cabeça no chão.

“Minha nova escola?”, eu disse. “A Escola Fundamental Ardemorre?”

“Não é Ardemorre, é Ardmore”, mamãe disse. “Por que você continua chamando a escola desse jeito?”

“Porque é engraçado?”

“Pode ser engraçado, mas não vale uma fatia de pão”, ela respondeu. Essa é uma das suas expressões. Mas não me pergunte o que significa.

Só sei que mamãe não gosta de coisas engraçadas. Tanto ela quanto papai são muito sérios. Os dois são professores de economia na faculdade local. E isso é um troço meio sério.

Ela saiu do quarto levando um monte de roupa suja debaixo do braço.

“Não esqueça que você tem dentista depois da escola”, gritou do corredor.

“Eu já esqueci!”, gritei de volta.

Ela pensa que uma pessoa de onze anos não tem memória. Só pode ser por isso que me lembra de tudo mil vezes.

“Leve o celular”, mamãe disse. “Pegue o ônibus para a consulta e me ligue quando chegar lá.”

“Sim, capitão!”, respondi.

Certo. Hora de me vestir. O que devo usar para impressionar meus novos amigos em Ardemorre?

Não vou fingir que não fiquei o tempo todo pensando nisso.

Na verdade, na noite retrasada tirei do armário todas as minhas camisetas e coloquei em cima da cama. Qual delas eu deveria usar? Qual delas?

Decidi que tinha que ser preta. Preto é a única cor legal. Passei os olhos sobre as camisetas pretas e li as palavras estampadas nelas:

OBRIGADO POR COMPARTILHAR

LOL

EU SOU DEMAIS

SUA BANDA FAVORITA É UMA DROGA

MANTENHA DISTÂNCIA: CARGA PESADA

Definitivamente, a última *não*. Quem foi que me deu essa camiseta? Acabei escolhendo uma preta com letras vermelhas que diziam simplesmente CAMISETA. Não era assim tão engraçada, mas pelo menos não era constrangedora.

Vesti a camiseta sobre o jeans mais arreventado que eu tinha, com rasgos nos dois joelhos. Depois lutei para domar os cachos selvagens dos meus cabelos pretos e encaracolados.

Sempre que passo a escova, meu cabelo volta para o mesmo lugar. Tipo: bóóóinnng! Todas as manhãs travo uma batalha com ele, e sempre perco.

Bom, é isso. Pronto para o que der e vier.

Peguei meu telefone e dei uma olhada na tela. Nenhuma mensagem ou ligação perdida. Será que é porque eu não conheço ninguém por aqui?

A bateriazinha no canto da tela estava piscando. Eu tinha me esquecido de carregar.

Bom, sem problemas. Tem tempo de sobra para carregar enquanto tomo o café da manhã.

Encontrei o carregador. Conectei no telefone. Então coloquei na tomada perto do chão e...

Zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzaaaaaaaaaap.

Adivinha só quem sentiu uma estrondosa descarga elétrica passando pelo próprio corpo?

Você disse Artie Howard?

Fiz uma dancinha muito louca pelo meu quarto. Meus pés batucaram o chão como se eu fosse um sapateador em ritmo acelerado. Não conseguia controlar meus braços nem minhas pernas.

Quando finalmente a dor passou, um zumbido muito alto tomou conta dos meus ouvidos. Se eu estava tonto? Em uma palavra: *ã-hã*.

Tive que pentear meu cabelo mais uma vez. Estava todo arrepiado.

Então desci as escadas em direção à cozinha para tomar o café da manhã.

Vi um prato sujo no lugar do papai, o que queria dizer que ele já tinha saído para o trabalho. Mamãe estava mexendo na cafeteira, perto da pia. Wowser estava embaixo da mesa, torcendo para que alguma comida caísse no chão.

Chamamos Wowser de Nosso Cachorro Misturado. Ele é parte labrador, parte pastor-alemão, parte todas as outras raças. Um dia, uma costeleta de cordeiro inteira caiu da mesa bem na frente dele. Desde então Wowser fica sempre ali, só esperando.

Meu irmãozinho Eddy estava sentado à mesa com uma enorme pilha de panquecas quentinhas na sua frente.

Eu chamo Eddy de meu irmãozinho, mas ele não é exatamente pequeno. Tudo nele é redondo, principalmente o rosto e o corpo. Tem o cabelo preto e encaracolado, assim como o meu e o do papai, mas tem os olhos azuis de mamãe, o que dá a ele a maior cara de bebê.

Mas não se deixe enganar: Eddy não é um bebezinho dócil. Ele é legal, mas você não vai querer chegar muito perto. Para começar, ele morde.

Sim, ele tem cinco anos de idade, mas ainda gosta de morder.

Mamãe acha bonitinho, mas eu tenho muito medo de que ele transmita raiva.

Outra coisa sobre Eddy é que você precisa prestar atenção nele o tempo todo, porque ele é completamente desastrado. Eddy balança aquele corpo redondo para tudo quanto é lado e gesticula quando fala.

Ele está sempre trombando em tudo e derrubando e derramando o que está a até uns três metros de distância. Para um gordinho daquele tamanho, até que ele tem um alcance considerável!

É como se tivesse braços elásticos! Ele seria capaz de alcançar o outro lado da mesa e pegar a comida direto do meu prato.

De qualquer forma, sentei bem na frente dele na mesa da cozinha. Eddy fez um movimento com a mão e derrubou o copo de suco de laranja. O suco escorreu até o meu lado da mesa e começou a pingar no chão.

“Ei...” Saltei e fiquei em pé. Eu não queria *de jeito nenhum* que o suco de laranja manchasse meu pior jeans. Demorou um tempão para que meu pior jeans ficasse perfeito, e eu não queria sujá-lo.

Eddy riu. Na verdade, deu só uma risadinha. Como um cientista louco em um desenho animado.

Mamãe foi correndo limpar o suco com um pano de prato. “Eddy, não ria. Não é engraçado”, ela disse.

Isso fez com que ele desse outra risadinha.

“Você derrama mais suco do que bebe”, mamãe disse.

“Vai ver eu não gosto de suco”, ele disse, em sua vozinha fina de bebê. Ele também era um sabichão.

Quando a mesa ficou seca, sentei de novo. “Eddy, você sabe que não nasceu, né?”, comecei. “Você foi tirado do nariz de alguém.”

“Artie, não seja nojento”, mamãe disse.

“Só estou falando a verdade.”

“É assim que os bebês nascem?”, Eddy perguntou. Ele estava se fazendo de bobo.

O aparelho do outro lado da mesa fez um barulho. Bóóóing. As panquecas estavam prontas. Peguei todas e coloquei no meu prato.

Tentei pegar a calda. Eddy também tentou. “Mais calda”, ele disse.

Eddy apertou a embalagem. A calda grossa e escura fez um som de tchuppp quando saiu voando da garrafa de plástico, atravessou a mesa e aterrissou no meu cabelo.

No começo, eu não acreditei que aquilo estava acontecendo. Mas então senti a gosma pegajosa escorrendo pela minha cabeça.

“Mãe!”, eu gritei. Ergui o braço, passei a mão pelo cabelo e então minha mão ficou gosmenta e molhada.

Eddy deu uma risadinha. “Opa”, ele disse. Eddy nunca pede desculpas por nada. Tudo o que diz é “Opa”.

Todo o lado esquerdo do meu cabelo estava grudado. “Mãe... olha o que ele fez!”, reclamei.

“Estou vendo”, mamãe disse. “Que meleca!” Ela olhou para Eddy com reprovação. “Por que você fez isso com seu irmão?”

“Opa”, disse Eddy outra vez.

Mamãe acha isso adorável. Ele sempre escapa dizendo “Opa”.

Eu me levantei num pulo. “Eu... Tenho que lavar o cabelo pra tirar essa calda.”

Mamãe olhou para o relógio em forma de frigideira pendurado sobre a pia. “Não dá tempo”, ela disse. “Você não vai querer se atrasar no primeiro dia de aula na escola nova.”

“O que eu não quero é ser o esquisito com cabelo grudento no primeiro dia de aula na escola nova!”, protestei.

“Tem na camiseta também”, disse Eddy, apontando.

Isso. Boa, Eddy. Calda gosmenta em uma das mangas.

“Tudo bem”, mamãe disse. “Vá pegar uma toalha e tente tirar o máximo que puder.”

Antes que pudesse me mover, Wowser saltou sobre mim, botou suas enormes

patas sobre meus ombros e começou a lamber a calda da camiseta.

“Me solta! Me solta, Wowser!” A língua dele era do tamanho da minha mão.

RRRRIPPPPPP.

Suas unhas retalharam a manga da minha camiseta. Finalmente consegui me livrar dele e parti apressado em direção ao quarto. *Ótimo café da manhã, pensei. Um bom jeito de começar o dia.*

Subi as escadas correndo. Tirei a CAMISETA e coloquei uma preta com um contorno de giz amarelo no formato de um corpo. Tipo um daqueles desenhos de cena do crime que a gente vê na TV.

Talvez fosse meio *ousada* para o primeiro dia de aula, mas que escolha eu tinha? Não podia usar a LOL. Todo mundo ia rir de mim.

No banheiro, tentei tirar a calda do cabelo com a escova, mas ela ficou presa.

Pense rápido, Artie. Eu tinha que fazer alguma coisa. Então peguei no armário um boné azul e vermelho e coloquei na cabeça.

Ficou muito melhor. Meu primeiro dia numa escola nova. É claro que eu queria causar uma boa impressão. Eu só queria parecer legal.

“Vamos, Artie”, mamãe gritou lá embaixo. “Você vai se atrasar.”

“Tô indo”, gritei de volta. Dei mais uma olhada no espelho. Então comecei a descer as escadas.

Mamãe estava me esperando no primeiro degrau. “Ah, aliás”, ela disse, “você vai ter que levar Eddy até a escolinha.”

“Êêêêêêêêêê”, Eddy comemorou e pisou o mais forte que pôde no meu pé.

A dor subiu pela minha perna. Pendurei a mochila num dos ombros e saí de casa mancando.

“E segure a mão dele quando forem atravessar a rua”, disse mamãe.

Ah, sim. Eu ia parecer *muito* legal.

Choveu muito na noite passada. O céu ainda estava cinzento, mas o amarelo do sol aparecia por trás das nuvens em alguns pedaços. As ruas e as calçadas estavam cobertas de grandes poças de água da chuva.

Eddy insistia em pular em todas elas.

“Para com isso! Você está me molhando”, gritei.

Ele riu. Saltou sobre uma enorme poça com os dois pés. Seus tênis ficaram encharcados, mas ele não parecia se importar. A única coisa que importava era fazer a maior molhadeira.

“Ba-bum! Ba-bum! Ba-bum!”, ele gritava a cada pulo.

Eu tentava ficar o mais longe possível.

Vi vários outros garotos indo para a escola, e não queria que eles soubessem que aquele chimpanzé saltitante era da minha família.

Mas eu ainda tinha que segurar a mão dele quando fôssemos atravessar a rua. Se eu não fizesse isso, ele contaria para a mamãe.

Eddy gostava de me dedurar.

A escolinha dele ficava a apenas três quadras da nossa casa, mas com Eddy dançando, pulando e molhando tudo ao redor pareceram três quilômetros.

“Ba-bum! Ba-bum! Ba-bum!”

“Para com isso! Você não sabe andar?”, perguntei.

“Não”, ele respondeu. “Só sei pular.” Eddy saltou sobre uma poça de lama, levantando água por todo lado.

A Escola Fundamental Ardemorre ficava a duas quadras. Será que eu conseguiria deixar Eddy na escolinha e chegar a salvo na minha?

Não.

Paramos na esquina em frente à escolinha.

Era um prédio comprido, de apenas um andar, com um gramado e um playground ao lado. Num grande poste perto da entrada, uma bandeira americana tremulava sob o céu cinzento.

Uma placa preta e amarela perto do corredor de entrada dizia: ESCOLA BÁSICA CYRUS, LAR DOS ZANGÕES DESTEMIDOS.

Eddy puxou a manga da minha camiseta. “O que está escrito ali?”, perguntou.

“Escola para Bebezões”, eu disse. “É o nome da sua escola, Escola para Bebezões.”

“Não é!”, ele gritou.

Eu estava prestes a retrucar quando um caminhão passou fazendo uma barulheira. Era um daqueles caminhões-tanque prateados bem grandes, com a palavra GASOLINA na lateral. Passou por nós como um relâmpago. O motor rugia como um animal selvagem.

Seus pneus enormes passaram sobre uma baita poça — mandando um tsunami

para cima da calçada.

Senti o impacto gelado da água no jeans.

Dei um suspiro e olhei para baixo.

Minha calça estava completamente ensopada.

Meu queixo despencou. Aconteceu tão rápido. Fiquei ali, parado, olhando para uma baita mancha escura na minha calça.

Então ouvi Eddy começar a rir feito um maníaco.

“Parece que você fez xixi na calça”, ele disse.

Levei Eddy para dentro da escola e o deixei na sala de aula. A professora tinha cabelo ruivo e muitas sardas.

“Olá! Seja bem-vindo”, ela disse ao meu irmão, mas olhava para a minha calça o tempo todo.

Ou, pelo menos, foi o que me pareceu.

Tentei puxar a camiseta para baixo para cobrir a mancha, mas ela era curta demais.

Por que minha calça estava demorando tanto para secar?

Tentei caminhar bem devagar até a escola para dar tempo de a calça secar, mas também não queria chegar atrasado. Os outros garotos passavam por mim apressados. Eu podia jurar que todos eles paravam só para olhar a mancha na minha calça.

Mas talvez fosse só minha imaginação.

A Escola Fundamental Ardmore parecia ainda mais antiquada do que a Escola para Bebezões do meu irmão. A escolinha dele parecia um casarão de fazenda. A minha parecia uma daquelas escolas que você vê nos filmes antigos na TV.

Era um prédio alto, de pedra cinza, com muitas janelas em cada um dos quatro andares. Trepadeiras desciam do telhado e cobriam até quase a metade da porta de entrada.

Vi o estacionamento dos professores lotado de carros. Logo atrás, um pequeno campo de futebol americano com arquibancadas dos dois lados. Alguns garotos estavam arremessando uma bola de beisebol na calçada em frente à entrada.

Dei uma conferida no jeans. Ainda molhado.

Suspirando, comecei a subir os degraus de pedra que levavam às portas brancas da entrada. Eu estava na metade do caminho quando reconheci o homem de terno marrom parado à minha frente, no topo da escada.

Era o sr. Jenks, o diretor. Fomos apresentados quando mamãe e papai me levaram para conhecer a escola. Ele dava as boas-vindas e apertava a mão de todos os alunos.

O sr. Jenks parecia ser um cara muito feliz. Ele era careca e tinha uma cabeça redonda, olhinhos azuis e um sorriso constante no rosto. Como se fosse um sorriso pintado, colado, ou algo assim.

Olhos, nariz e boca ficavam todos juntos bem no meio da cara. Quando o vi pela primeira vez, pensei no Senhor Cabeça de Batata.

Mas ele parecia ser um cara legal. E tinha um sorriso bondoso.

O sr. Jenks olhava para você com aqueles olhinhos azuis como se estivesse realmente interessado no que você estava falando. E tinha uma voz suave, bem tranquila.

Eu só o tinha visto aquele dia no verão anterior, mas ele parecia muito mais legal

do que meu antigo diretor, que gostava de parecer durão e dar ordens.

“Oi, Artie”, ele disse. Estendeu o braço e apertou minha mão. Senti cheiro de hortelã em seu hálito. “Bem-vindo a Ardmore.”

Será que ele estava olhando para a mancha na minha calça?

Duas meninas passaram por mim. As duas olharam para a minha calça. Tenho certeza de que olharam.

O sr. Jenks arrumou a gola rulê da blusa amarela que usava por baixo do paletó marrom. “Primeiro, você precisa descobrir em que turma está”, ele disse. “As listas das turmas estão penduradas na parede em frente à minha sala.”

“Obrigado”, eu disse, e já ia em direção à porta quando ele me interrompeu.

“Artie, sinto muito, mas não permitimos bonés na escola. Será que você poderia tirar o seu?”

“Hã... claro”, eu disse.

Peguei o boné pela aba e comecei a puxar.

Fiquei surpreso quando ele não saiu com facilidade. Estava preso.

Então eu lembrei por que estava usando boné. Cabelo melado!

Eu não tinha escolha. Dei um puxão forte — e deixei escapar um grito agudo. Um baita tufo de cabelo saiu com o boné.

Aquela calda era pior que cola! Agora eu tinha uma enorme falha no cabelo.

Tentei ajeitar o que ainda tinha sobrado, mas meu cabelo tinha sido reduzido a uma maçaroca grudenta com uns pedaços endurecidos.

Mas tudo bem. Eu não ia ser exatamente o cara com o visual mais legal do sexto ano.

“Cuidado!”, alguém gritou da parte de baixo da escada. Uma bola de beisebol quicou na parede e passou muito perto da minha cabeça.

Eu me virei e vi um garoto loiro de moletom azul-claro. “Desculpa”, ele disse. Depois, pegou a bola de beisebol e jogou na direção dos amigos, que brincavam na grama.

O sr. Jenks estava cumprimentando duas meninas gêmeas, que riam muito de algo que ele tinha acabado de dizer. Entrei na escola escondendo a falha no cabelo com uma das mãos.

Tinha quase atravessado a porta quando começou um tumulto atrás de mim.

Crianças gritando.

Um cachorro latindo.

“Hã?” Eu me virei e reconheci imediatamente o cachorro subindo as escadas correndo.

“Wowser?”

Ah, não. Ele tinha me seguido até a escola.

“Wowser, deita!”, gritei.

Mas ele nunca me ouvia.

Sem ter o que fazer, vi o monstruoso cachorro — *meu monstruoso cachorro* — se levantar sobre as patas traseiras, pular em cima do sr. Jenks e lambe o rosto dele. Wowser batia com as patas nos ombros do diretor, deixando manchas de lama por toda parte.

Então ouvi um *rrrrrrrrrip* bem alto. Era Wowser arrancando o bolso do paletó

marrom do diretor.

O rosto do sr. Jenks ficou bem vermelho. “Artie”, ele disse, gentilmente. “Esse cachorro é seu?”

O sr. Jenks ficou ali parado, com o rosto vermelho. A parte da frente do paletó dele estava coberta de marcas pretas de patas. Em uma das mãos ele segurava o bolso arrancado.

Wowser balançava furiosamente o rabo amarelo. Ele parecia estar dando um grande sorriso, mas é sempre difícil dizer quando se trata de cães.

De qualquer forma, ele parecia muito satisfeito.

“Eu... acho que ele me seguiu”, gaguejei.

O sr. Jenks foi muito legal em relação a tudo aquilo. Na verdade, o sorriso voltou rapidamente a seu rosto.

“Ele deve ter sentido o cheiro do meu cão”, disse, e guardou o bolso arrancado no bolso da calça.

Fiquei totalmente constrangido por causa de tudo aquilo? E Wowser ainda por cima estava com pulgas? Sim. Eu queria mergulhar numa daquelas poças de água da chuva e nunca mais subir para respirar.

Peguei o cachorro pela coleira de couro. “Vou levar Wowser pra casa”, disse ao diretor.

“Não, tudo bem”, ele respondeu. “Você não vai querer chegar atrasado no primeiro dia de aula.”

O sr. Jenks se abaixou e começou a fazer carinho no queixo de Wowser. Então pegou a coleira.

“Sua mãe ou seu pai estão em casa?”, perguntou.

“Minha mãe”, eu disse.

“Bom, então vou ligar pra ela e pedir que venha buscar o cachorro.”

Wowser lambeu a mão do diretor, deixando o punho dele coberto de saliva. “Vá procurar sua sala, Artie. Tomarei conta do seu cachorro.”

Eu não ia esperar que ele mudasse de ideia, então entrei rapidamente no corredor.

A escola era dez vezes maior do que minha antiga escola. O corredor parecia se estender por quilômetros, com armários cinza nos dois lados do corredor. Era tão grande que não dava nem para ver o fim. Como se terminasse em outro estado ou algo assim!

Um enorme armário de vidro estava completamente lotado de troféus esportivos prateados. Dentro dele uma placa dizia *VAMOS, LONTRAS!*

Havia uma faixa vermelha e branca pendurada de um lado a outro do corredor. Estava cheia de notas musicais pintadas em tinta brilhante, e dizia *ARDMORE BALANÇA SEU MUNDO.*

Os alunos entupiam o corredor, tentando ler as listas coladas na parede de azulejos amarelos. Eles se empurravam e abriam caminho na base da cotovelada para descobrir em que turma estavam.

Acomodei a mochila nos ombros e me enfiei no meio da multidão. Minha cabeça estava coçando. Sem pensar, comecei a coçar e fiquei com os dedos grudentos.

Dei uma olhada naquele corredor enorme. Só portas, de salas de aulas e de outros tipos de salas.

Onde estavam os números? Cada ano ficava em um andar diferente? Como é que eu ia encontrar o ginásio, o refeitório ou o banheiro dos meninos?

É esse o tipo de pergunta que você se faz quando começa numa escola nova. Acho que no meu caso era ainda mais difícil, porque eu não conhecia nenhum garoto ali.

O que não me dei conta é que estava prestes a conhecer alguém — e a fazer meu primeiro *inimigo*.

"Brick! Ô Brick!"

Um garoto alto, magrelo e com o cabelo todo espetado gritava no meu ouvido. Sai da frente. Ele passou e me empurrou em cima de um cara grandalhão com uma camiseta vermelha e branca de futebol americano. Tinha o número um estampado na frente e nas costas.

"Ô Brick! Você pegou a turma da McVie?", o magrelo gritou.

O garoto chamado Brick virou-se na direção dele. Parecia um tijolo: grande, compacto e retangular, com o pescoço grosso e os ombros largos de um jogador de futebol americano.

Seu cabelo era castanho e ondulado, seus olhos eram grandes e castanhos também. Ele tinha um belo sorriso.

"Ei, Brick!", outro garoto gritou. "Tô na sua turma! Freeley vai ser nossa professora."

Brick e o outro garoto se cumprimentaram tocando os punhos fechados. Outros garotos também fizeram isso. Parecia que todo mundo queria cumprimentar Brick.

Ele era mesmo um cara bonitão. E muito popular.

Eu não estava conseguindo ler as listas e tentava me aproximar na base do empurrão.

Brick fez menção de sair dali com o garoto de cabelo espetado. Tropecei no pé de alguém, perdi o equilíbrio e pisei com tudo no pé de Brick.

"Ei!", ele deu um grito de susto. Em seguida, começou a gemer. "Aiii!"

Brick fixou o olhar na minha direção. Aquele belo sorriso havia desaparecido. "Cara, você é ainda mais pesado do que parece", ele disse. E deu alguns passos, mancando.

"De-desculpe", balbuciei.

O garoto de cabelo espetado olhou para a minha calça. "Você precisa ir ao banheiro?"

Escutei alguns garotos rindo. Podia sentir meu rosto esquentando.

Fico vermelho com muita facilidade. Todo mundo na minha família é assim. É constrangedor. Mas o que se pode fazer?

Brick e o outro garoto seguiram pelo corredor.

"É melhor você pedir desculpas", disse uma voz atrás de mim.

Eu me virei e vi uma garota com uma blusa amarela brilhante e uma saia marrom curtinha.

Seu cabelo preto e liso escorria pelos ombros e seus olhos eram enormes e meio esverdeados, meio acinzentados.

Ela era muito linda. Quer dizer, poderia ser modelo, aparecer na TV, ou algo assim.

"O quê?", perguntei.

“É melhor você pedir desculpas”, ela disse. “Ele manda nessa escola.”

“É mesmo?”

Minha cabeça estava girando. Eu não conseguia encontrar as palavras que queria dizer. Nunca tinha estado tão perto de uma garota maravilhosa como ela.

“Bom, você sabe. Ele é o quarterback da seleção estadual do ensino fundamental”, disse a garota. “E é um cara muito legal. Bem inteligente. Todo mundo gosta dele.”

Tentei dizer alguma coisa, mas acabei meio que engasgando, então pareceu que eu estava imitando uma galinha.

“Qual é o seu nome?”, consegui pronunciar.

Ela ajeitou o cabelo escuro e brilhante com um movimento de cabeça. “Shelly.”

Pisquei. “Tipo... apelido de Sheldon?”

“Não, de Michelle”, ela disse, olhando fixamente para mim, como se estivesse pensando de que planeta eu tinha saído.

Eu ia perguntar em que turma ela estava, mas não tive chance. Ouvi garotos gritando — e aquela mesma bola de beisebol entrou voando pela porta da frente.

Eu a peguei com as duas mãos.

Não pretendia pegá-la. Nem pensei nisso. Não sou um bom pegador. Sou péssimo em todos os esportes.

Quer dizer... até que jogo vôlei bem, porque não é preciso correr muito.

De qualquer maneira, peguei a bola. Alguns garotos vibraram, o que fez com que eu me sentisse muito bem.

Mas aquele não era um dia em que eu podia me sentir bem.

Escutei alguém gritar “Joga pra cá!”. Era o garoto de cabelo espetado, caminhando pelo corredor com Brick.

Ele levantou os braços. “Ô cara... joga pra cá!”, gritou.

Preparei o arremesso e lancei a bola.

Sempre soube que minha mira não era das melhores, e senti a bola escorregando quando fiz o lançamento.

Eu já sabia o que ia acontecer. Sem ter o que fazer, fiquei apenas vendo tudo, enquanto sentia um friozinho na barriga.

A bola viajou pelo corredor e fez um TUM muito alto quando acertou Brick bem na parte de trás da cabeça.

“Ahhhhhh.” Um gemido muito esquisito escapou da garganta dele.

Brick abriu os braços e deu uma sapateada meio estranha. Então, seus joelhos dobraram e ele despencou no chão, inconsciente.

A garotada gritava. Todos atravessaram o corredor correndo na direção de Brick.

Congelei. Não conseguia nem respirar.

Isso não está acontecendo. Isso não está acontecendo.

Deixei escapar um longo suspiro de alívio quando Brick finalmente se sentou. Ele esfregou a parte de trás da cabeça e começou a olhar em volta, piscando com força.

“Quem jogou aquela bola?”, perguntou.

O garoto de cabelo espetado apontou para mim.

Eu não havia me mexido desde o momento em que arremessara a bola. Todos os olhares se voltaram na minha direção.

Tenso. Foi um momento tenso.

Eu sentia o suor gelado escorrendo pelas minhas costas.

Brick esfregou a parte de trás da cabeça mais uma vez. Ele me olhou fixamente. “Cara... Aquilo foi uma bola rápida ou com efeito?”

Gargalhadas ecoaram pelas paredes de azulejo. Dois caras ajudaram Brick a se levantar. Ele sacudiu a cabeça com força e deu alguns passos. Parecia estar bem.

“De-desculpe”, eu disse. “Escorregou.”

Só que ninguém mais estava prestando atenção em mim. Todos se aglomeravam em volta de Brick, fazendo piadas e rindo, felizes porque ele estava bem.

Respirei bem fundo e deixei o ar sair devagarzinho. Eu sabia que não era o garoto mais popular da escola naquele momento.

Mas podia ter sido pior — não podia?

Encontrei meu nome na lista. Eu estava na turma da srta. McVie, na sala trezentos e sete.

O.k. Primeira fase concluída. Agora, na segunda fase, eu precisava encontrar a sala trezentos e sete.

Pode parecer fácil, mas não era. Os corredores não tinham fim naquela escola, e os números das salas estavam gravados numas plaquinhas minúsculas de metal no meio das portas. Era impossível vê-los a menos que você enfiasse o nariz bem na frente deles.

Além disso, a numeração era completamente maluca. A sala cento e sete estava ao lado da cento e trinta e quatro.

Já era tarde. O corredor estava quase vazio. As vozes agora vinham das salas de aula.

Passei por um grande auditório e depois por outro corredor enorme cheio de salas de aula. Finalmente encontrei as escadas. O som dos meus passos ecoava enquanto eu corria. Só alguns poucos retardatários ainda estavam no corredor.

Você poderia pensar que as salas de número trezentos estavam no terceiro andar — mas estaria errado.

A sala trezentos e um ficava ao lado da duzentos e um. E a sala ao lado nem sequer tinha um número na porta.

A plaquinha na sala seguinte apontava a sala quatrocentos e doze. Olhei pela janela e suspirei. Não havia uma sala atrás daquela porta, apenas o céu azul.

Se alguém abrisse a porta e desse um passo à frente, despencaria até o chão.

Que tipo de escola era aquela? Não deveria haver algum tipo de aviso ali?

Dei meia-volta e passei por mais algumas portas. Será que estava indo na direção errada? Será que já tinha passado pela minha sala? Será que eu pelo menos estava no andar da sala trezentos e sete?

Senti um aperto na garganta e um embrulho no estômago.

Eu estava odiando ser o aluno novo. Todos os outros provavelmente tinham encontrado a sala de olhos fechados.

Dei uma olhada no corredor. Vazio. Ninguém para me ajudar.

Entrei em outro corredor e a primeira porta era da sala trezentos e seis. “Siiim!” Comecei a me sentir um pouco melhor.

O sinal tocou no momento em que entrei na sala seguinte. Estava cheia de garotos rindo e conversando. Eles pareciam ter a minha idade. Pareciam alunos do sexto ano.

Um garoto rechonchudo com a cara redonda usando uma camiseta laranja comprida com dois M&M’s risonhos estampados na frente subiu no parapeito da janela e começou a fazer uma dancinha muito louca. Os outros garotos batiam palmas e o incentivavam aos gritos.

Sim. Alunos do sexto ano.

Olhei em volta, procurando pela srta. McVie. Nenhum sinal dela. Bom, acho que ele não estaria dançando daquele jeito se a professora estivesse na sala.

Meus olhos examinaram as carteiras. Estavam todas ocupadas. Espere aí! Encontrei uma carteira vazia perto do fundo da sala.

Tirei minha mochila das costas e pendurei na cadeira.

No parapeito da janela, o garoto dos M&M’s tinha terminado sua dança. Ele se curvou para agradecer à plateia e depois saltou para dentro da sala.

Abri minha mochila e comecei a tirar o caderno.

Alguma coisa dentro dela estava melecando tudo. Tirei a mão de dentro. Dois dedos ficaram colados um no outro.

Será que Eddy tinha derramado calda na minha mochila também?

Eu não tinha tempo de investigar. Uma sombra caiu sobre mim.

Eu me sentei. Vi Brick diante de mim. Na verdade, vi aquele enorme número um na camiseta dele.

Brick ficou parado na minha frente, bufando. Ele não estava sorrindo.

“Você está me seguindo?”, perguntou.

“Hã... não”, eu disse.

“Então por que está no meu lugar? Levanta, cara. Essa é a minha carteira.”

Brick colocou uma das mãos no meu ombro. Será que ele ia me *arrancar* da carteira?

Foi quando a professora entrou na sala.

A professora era uma mulher mais velha com cabelo grisalho bem curto, olhos acinzentados e rosto pálido. Ela usava um casaco de lã cinza e uma calça folgada da mesma cor.

Era tão pequenininha e cinzenta que só *podia* ter algum parentesco com um camundongo!

Brick ainda estava com uma das mãos sobre meu ombro. Eu me levantei e arrastei a mochila para longe, para que ele pudesse se sentar. Brick me deu um encontrão de propósito enquanto se acomodava na cadeira.

“Senhorita McVie, não tem lugar pra mim”, eu disse.

“Não sou a senhorita McVie”, ela disse. “Sou a senhora Freeley.”

Deu para ouvir o som que fiz quando engoli em seco. Alguns garotos começaram a rir. E o meu rosto ficou vermelho de novo.

A sra. Freeley caminhou até sua mesa. Ela pegou alguns papéis e passou os olhos sobre eles rapidamente. “Qual é o seu nome?”

“Artie Howard.”

“Você não está na minha turma, Artie”, ela disse.

Por que todo mundo tinha que ficar me encarando daquele jeito?

Tá, eu cometi um erro, mas é totalmente compreensível. Sou o aluno novo. Eles não podiam me dar uma folga?

“Em que sala você deveria estar?”, perguntou a sra. Freeley.

“Trezentos e sete”, respondi.

“Aqui é a trezentos e sete A”, ela disse. E apontou. “Sua sala fica do outro lado do corredor.”

“Desculpe”, eu disse. Peguei minha mochila e comecei a ir em direção à porta.

Brick me segurou pelo braço. “Espera aí”, ele disse.

Eu me virei. “O que foi?”

“Você está levando a minha mochila.”

Olhei para a mochila. Era igual à minha. Eu estava mesmo pegando a dele.

Pedi desculpas e fiz a troca. Brick ficou me encarando. Seus olhos me acompanharam pela sala com uma expressão de poucos amigos.

Eu senti que ele não gostava de mim.

Você deve estar pensando que meu primeiro dia em Ardemorre não foi muito bom.

Mas não se preocupe: vai ficar pior. Muito pior.

Do outro lado do corredor, na sala trezentos e sete, a srta. McVie conferia a lista de chamada.

Ela era jovem e alta, tinha o cabelo castanho preso em um rabo de cavalo e os olhos pretos escondidos atrás de grandes óculos redondos de plástico vermelho.

Vestia um jeans surrado e um colete de camurça sobre uma blusa branca. Quando começou a falar, pude ver que usava aparelho nos dentes.

“Artie, por que você não vai se sentar perto da janela?”, ela disse, apontando meu lugar. Então se dirigiu à turma. “Pessoal, esse é o novo aluno, Artie Howard. Tenho certeza de que vocês vão fazer com que se sinta em casa aqui em Ardmore.”

Silêncio. Todo mundo ficou me olhando sem dizer uma palavra.

Shelly estava na primeira fila. Ela foi a única que sorriu para mim.

“Artie, o que houve com o seu cabelo?”, a srta. McVie perguntou. “Um passarinho deixou uma lembrancinha aí?”

“Hã... não. Eu tive um acidente com calda de panqueca”, expliquei.

Muito obrigado, senhorita McVie. Agora todo mundo está olhando pro meu cabelo.

Enquanto eu me encaminhava para a carteira, fiquei pensando como Shelly era bonita. Será que ela tinha sorrido porque gostava de mim?

Larguei a mochila no chão e estiquei meus braços atrás da cabeça. Respirei bem fundo. A janela estava bem aberta e dava para sentir o cheiro da brisa adocicada.

Eu me senti bem por estar no lugar certo, na sala certa, com a professora certa e a maravilhosa Shelly na primeira fila.

A srta. McVie sentou na beira da mesa. Cruzou suas longas pernas e começou a falar sobre as coisas que iríamos estudar durante o ano.

“Vocês devem estar se perguntando sobre aquela criatura”, ela disse, apontando.

Engoli em seco. Ela estava apontando para mim? Por que tinha me chamado de criatura?

Então me dei conta de que ela estava apontando para o pote de vidro no parapeito da janela, ao meu lado. Olhei mais de perto e vi um troço marrom meio parecido com uma lagosta batendo com as garras no vidro.

“Não é toda turma de sexto ano que tem seu próprio escorpião”, disse a srta. McVie. “E esse é de um tipo muito raro e valioso. Ele vive nos desertos africanos. Acho que vocês vão gostar de aprender sobre ele neste semestre.”

O escorpião batia no vidro com as garras. Parecia que estava querendo chamar minha atenção.

Não gostei muito de ficar sentado tão perto dele. E se aquela tampa abrisse?

“Senhorita McVie, aquele escorpião pode nos picar?”, perguntou uma garota sentada atrás de mim.

Nem ouvi a resposta da professora, pois um zumbido ensurdecedor entrou pela

janela.

Eu me virei — e uma enorme abelha voava bem perto do meu rosto. O zumbido foi aumentando de volume à medida que ela se aproximava para me picar.

Tentei me abaixar. Tarde demais.

Senti o corpo da abelha roçando minhas costas quando ela se enfiou dentro da minha camiseta.

“Iauuuuuu!” Não consegui segurar o berro.

A abelha se debatia nas minhas costas. Minha pele começou a formigar.

Saltei da cadeira e comecei a balançar os braços. Minha mão atingiu o pote de vidro no parapeito. A tampa saiu voando.

“Ah, nãããããão!”

Não pude fazer nada enquanto... enquanto... enquanto o raríssimo e valioso escorpião saía voando janela afora.

Eu me estiquei todo para tentar pegá-lo. Era tarde demais.

Ele já tinha ido.

A abelha zumbia nas minhas costas. Eu me contorcia e me debatia para tentar evitar que me picasse. Comecei a tentar fazer com que saísse por baixo da minha camiseta.

Eu me retorci demais — e minha carteira desabou no chão.

Acho que aquele barulho todo assustou a srta. McVie, porque ela despencou da mesa e caiu de bunda no chão, soltando um gritinho bem agudo.

Ela ficou ali, sentada, parecendo desorientada. Os alunos correram para ajudá-la.

Ouvi muitos gritos de surpresa. Vi que Shelly olhava para mim enquanto eu me retorcia deitado de costas no chão.

Quando a abelha finalmente me picou, eu estava exausto demais para ligar.

A srta. McVie me mandou para a enfermaria. Lá, a enfermeira tirou o ferrão das minhas costas, o que não foi exatamente bom.

“Você ficou com um belo calombo aqui”, ela disse. “Avise se inchar mais. Pode ser que eu tenha que fazer uma punção.”

“Pode deixar”, eu disse.

Voltei correndo para a sala de aula. A srta. McVie estava sentada sobre uma almofada na cadeira. Não parecia muito contente. “Você já voltou?”, ela disse.

Fiz que sim com a cabeça.

“O escorpião deve ter sobrevivido à queda. Não conseguimos encontrá-lo em lugar nenhum. Deve estar perambulando pelo playground.”

“Que bom”, eu disse. Não sabia bem o que devia dizer.

“Só espero que ninguém pise nele”, disse a srta. McVie. “Basta uma picada de um escorpião daquele tipo para *matar* uma pessoa imediatamente.”

Engasguei.

“Brincadeira!”, ela disse, e começou a rir. “Eu sei, tenho um senso de humor meio estranho. Mas os professores precisam brincar de vez em quando, Artie. Senão...” Ela não terminou a frase.

Comecei a voltar para o meu lugar, mas a srta. McVie me chamou.

“Não tenho livros de ciências para todos”, ela disse. “Preciso que você vá até a biblioteca e pegue uns três ou quatro.”

“Biblioteca?” Minha cabeça começou a girar. Mais uma chance de me perder nesse prédio gigantesco.

“É no porão”, ela disse. “O senhor Blister vai saber de que livros você precisa. Não demore.”

“Senhor Blister?”, perguntei.

Ela fez um gesto com as duas mãos me colocando para fora da sala.

Saí apressado e olhei para os dois lados. O corredor estava completamente vazio, exceto por um garoto. Ele lutava para abrir seu armário. De repente deu um rosnado de raiva e começou a chutá-lo com toda a força.

Isso é que é perder a cabeça...

Eu me virei e fui na outra direção. Por que o corredor cheirava a suor? O primeiro dia de aula tinha apenas começado.

As escadas ficavam no fim do corredor. Segurei no corrimão de metal e desci correndo.

Senti cheiro de comida sendo preparada. O refeitório devia ser por ali.

Ouvi uma mulher cantando escalas em uma voz aguda e esganiçada. “Fá, sol, lá, si, dó...” Será que era a professora de música fazendo o aquecimento?

Uma placa em forma de seta dizia PORÃO, então desci mais um lance de escadas até

o porão. As luzes eram mais fracas lá embaixo. As paredes de azulejo estavam desbotadas e empoeiradas.

Dava para ver a tubulação suspensa no teto. Alguns canos estavam cobertos de teias de aranha. O piso era de concreto, com enormes rachaduras e pedaços faltando.

Senti um arrepio. Devia estar uns cinco graus mais frio ali. Pensei que fosse começar a sair fumacinha da minha boca, mas não saiu.

“Tem alguém aí?”, perguntei. Minha voz pareceu minúscula ecoando no teto e nas paredes.

Ninguém respondeu.

Fazendo um grande esforço para enxergar na penumbra, comecei a caminhar pelo corredor. Passei pela sala da caldeira. Vazia e silenciosa. Os canos da calefação pareciam cobras, retorcidos em todas as direções.

Havia uma enorme mancha preta em um dos lados da caldeira. Parei para dar uma olhada, porque a mancha tinha o formato de uma pessoa com as pernas e os braços esticados.

Passei por diversas portas fechadas. Olhei para baixo e vi meu tênis coberto de poeira. Será que alguém já tinha varrido o porão alguma vez?

“Olá”, eu disse.

Silêncio.

Eu me agachei para passar por uma cortina grossa de teias de aranha e me segurei em um cano para levantar de novo.

Soltei um grito de dor. “Iaauuuuuuuuuu!”

Era uma tubulação de vapor — e estava muito quente. Comecei a sacudir minha mão com toda a força, para fazer a dor passar.

Abri a mão e olhei para a palma. Havia uma queimadura na forma de uma linha vermelha.

É tipo um filme de terror, pensei. Uma coisa assustadora atrás da outra.

Foi aí que ouvi um gemido muito esquisito.

“Uaaaahhh...”

Parecia uma mulher. Sentindo dor, talvez.

Senti meu coração bater forte.

“Quem está aí?”

Fiquei sem fôlego.

“Uaaaahhhhh...”

Vi uma porta entreaberta. Dei uma espiada. Escuridão total.

“Tem alguém aqui?”

Silêncio.

Então ouvi um homem gemendo. Tão perto que tive que me virar para ver.

Mas não havia ninguém ali.

Como assim? Eu tinha certeza de que tinha escutado alguma coisa.

Ouvi o mesmo gemido novamente, mas dessa vez parecia vir de longe. Em seguida, ouvi outro gemido longo.

Senti um arrepio na nuca e comecei a respirar com dificuldade.

“Oooohhhhhh...”

Os gemidos assustadores vinham de todos os lados. Os sons me cercavam, mas eu não conseguia ver ninguém ali.

Continue caminhando, Artie.

Saí em disparada pelo corredor. Meus pés levantaram poeira quando virei num canto e segui correndo por outro corredor interminável, mergulhado na penumbra.

“Senhor Blister! O senhor está aqui?”

Minha voz saiu fraquinha e abafada. Tentei mais uma vez, fazendo uma concha com as mãos ao redor da minha boca. “Senhor Blister?”

Será que era esse mesmo o nome? Onde ficava a biblioteca?

Uma luz amarelada escapava por uma porta entreaberta. Parei para dar uma olhada dentro.

Meus olhos levaram alguns segundos para se acostumar à claridade. Vi uma mesa, uma longa mesa de metal. E um homem...

Hã?

Havia um homem deitado na mesa, coberto por um lençol. Tipo numa daquelas mesas de operação que a gente vê nos seriados de médicos na TV.

O homem estava deitado de costas. Seus braços caíam pelas laterais. Ele não se movia.

Um cadáver?

Um homem morto no porão da escola?

“Não! Isso é impossível”, gritei.

Então alguém me pegou e puxou meu ombro com força.

E eu abri a boca, soltando o maior grito de horror.

Senti o aperto no ombro aumentando e uma respiração quente na nuca.

Eu me virei e vi um gordão parado atrás de mim. Sua barriga enorme e peluda chegava aos joelhos. A camiseta cobria apenas uma pequena parte dela.

Ele era quase da largura do corredor — e não estou exagerando. E era tão alto que tinha que abaixar a cabeça para não bater na tubulação do teto.

O homem era careca e tinha a pele rosada. Suas orelhas eram pontudas, como as de um personagem de *Jornada nas Estrelas*. Um olho era castanho e o outro, azul. Ele tinha tantos queixos que seu rosto parecia uma vela derretendo sobre a camiseta.

“Desculpa se assustei você. Estava me procurando?”

Sua voz era suave e distante, como se estivesse vindo das profundezas daquela barriga enorme.

A barriga roncou. Parecia uma onda quebrando na beira da praia.

Era como se fosse um troço vivo, uma criatura enorme. De repente me lembrei de um gigantesco leão-marinho que eu tinha visto empalhado no Museu de História Natural.

“Você é... você é o senhor Blister?” Eu estava gaguejando.

Ele fez que sim, balançando a cabeça. Todos os seus queixos se moveram.

O sr. Blister fechou e abriu os punhos. Suas mãos eram rosadas e carnudas. Os dedos pareciam pequenos salames.

“Você precisa de livros?”, perguntou.

Concordei. Debaixo da camiseta, sua barriga pulava para cima e para baixo, como uma daquelas bolas de praia grandonas. “Então vem comigo. Qual é o seu nome?”

“Artie Howard.”

“Aluno novo”, ele balbuciou, enquanto se jogava para a frente.

Essa é a única maneira possível de descrever o que ele fazia. Ele não andava. Era gordo demais para isso. Ele se jogava para a frente.

Era como um daqueles rolos compressores que a gente vê na rua fazendo a maior barulheira quando passa. Só que no caso do sr. Blister, ele balançava de um lado para o outro conforme se jogava para a frente.

Seu corpanzil esbarrava e batia nas paredes enquanto ele caminhava pelo corredor. Sua barriga roncou mais uma vez. Parecia mesmo a maré chegando na costa.

O que esse cara come no almoço?

Tentei não pensar nisso enquanto o seguia até o fim do corredor. Ele me fez entrar numa sala grande, com estantes em todas as paredes. As prateleiras estavam lotadas de livros.

“Essa é a minha biblioteca”, o sr. Blister anunciou, gesticulando com os braços gordos.

A luz que nos iluminava entrava por uma grande abertura no teto. Fileiras de estantes preenchiam toda a sala.

Ele me levou até uma parede cheia de monitores de TV. Cuidadosamente, foi se abaixando até sentar em uma cadeira.

Conforme fui chegando mais perto, pude ver que os monitores mostravam as salas de aula. Uma diferente em cada tela.

A escola tinha câmeras de vídeo em todas as salas? Por que ele estava lá embaixo monitorando todas?

Eu tinha dezenas de perguntas para fazer, mas acabei balbuciando a que mais me assustava naquele momento. “Eu vi mesmo um cadáver naquela outra sala?”, perguntei.

Ele piscou e coçou alguns de seus queixos. “Não, não viu”, disse.

“Naquela mesa”, continuei. “Vi um homem debaixo de um lençol.”

“Não, não viu”, ele repetiu.

“O homem estava deitado de costas. Ele não se movia. Eu vi...”

“Não, você não viu”, disse o sr. Blister. “Por que você veria algo assim numa escola totalmente normal?”

“Mas...”

“Isso simplesmente não aconteceu”, ele disse, enquanto me encarava com seus olhos de duas cores. E encarava mesmo, como se estivesse me desafiando a continuar discutindo com ele. “Você deve ter visto uma pilha de poeira.”

“Como assim? Poeira?”

“É muito empoeirado aqui embaixo”, disse o sr. Blister. “Herbert, o zelador, não vem aqui embaixo pra varrer. Ele se recusa a trabalhar no porão.”

“Por quê?”, perguntei.

“Ele acha que é assombrado.” Então ele começou a gargalhar. Tinha uma risada muito esquisita. Parecia mais que ele estava engolindo alguma coisa.

“De que tipo de livro você precisa?”, finalmente ele perguntou.

“De ciências”, eu disse. “Pro sexto ano. Pra turma da senhorita McVie. Preciso de uns três ou quatro.”

“Sem problemas.”

O sr. Blister abriu uma gaveta embaixo dos monitores e tirou algo de lá. Uma fita métrica. Ele a apertou em sua mão carnuda. “Chegue mais perto, Artie.”

Eu me aproximei. O sr. Blister se levantou com dificuldade, gemendo bem alto. Sua barriga quase bateu no chão. Ele puxou a camiseta, mas só conseguiu cobrir metade dela.

Então ele passou a fita em volta da minha cintura e tirou minhas medidas. “Sessenta e seis.”

Antes que eu pudesse me mover, ele pegou a fita e passou em volta da minha testa. Apertou bem forte e leu os números. Então, ele se debruçou sobre a mesa e os anotou.

“Não estou entendendo”, eu disse. “O que você está fazendo?”

“Se você veio pegar livros, preciso tirar suas medidas.” Ele passou a fita em volta do meu braço direito e conferiu o número.

“Por quê?”, eu quis saber. “O que está acontecendo aqui? Por que você precisa tirar

minhas medidas?”

“Regras da escola”, ele disse, e deu um suspiro. “Vira de costas.”

“Mas... mas”, balbuciei.

Ele estendeu a fita nas minhas costas. “Cento e quatro”, murmurou.

“Ninguém tirava nossas medidas na outra escola”, eu disse.

Ele sussurrou alguma coisa para os queixos.

Então senti uma dor aguda.

Soltei um grito de surpresa. “Ei... por que você fez isso?”

O sr. Blister havia arrancado alguns fios de cabelo da parte de trás da minha cabeça. Ainda estava doendo.

Ele ficou parado ali, segurando os fios entre o dedão e o indicador. Então enfiou dentro de um envelope e o guardou dentro da gaveta, com a fita métrica.

“Por que você fez isso?”, insisti.

“Regras da escola”, ele disse. “Regras da escola.”

Fiquei tão feliz quando saí daquele porão! Fiz todo o caminho de volta para a sala da srta. McVie correndo, abraçado àqueles quatro livros pesados.

Passei o resto da manhã pensando no sr. Blister e no que eu tinha visto lá embaixo. Era tudo estranho e assustador — não era o porão de uma escola normal.

Tentei tirar aquilo da cabeça e prestar atenção no que a srta. McVie estava dizendo, mas eu continuava vendo aquele gordão na frente dos monitores. Pensava nele tirando cuidadosamente minhas medidas e arrancando meu cabelo.

O que foi aquilo?

De qualquer forma, eu estava feliz de ter voltado à minha carteira, onde podia sentir a brisa que vinha da rua. E nenhum outro desastre tinha ocorrido. Quer dizer, até a hora do almoço.

É claro que eu ia derrubar minha bandeja bem no meio do refeitório.

Alguém tem que derrubar a bandeja, não é? Para que todo mundo possa rir e aplaudir.

E bem, lá estava eu, o novo aluno no primeiro dia de aula. Tinha que acontecer comigo.

Eu tinha enchido a bandeja. Estava morrendo de fome. Peguei um prato grande de espaguete, uma pizzinha, uns pãezinhos e um pudim de sobremesa.

Então me virei para procurar um lugar para me sentar — e escorreguei em alguma coisa molhada no chão. E aí você pode imaginar. Nem preciso descrever, porque é algo que se vê o tempo todo.

Eu tropecei. A bandeja saiu voando. De alguma maneira, toda a comida deu um jeito de virar de cabeça para baixo enquanto estava no ar.

O espaguete fez um barulho molhado quando caiu no chão. A tigela do pudim se quebrou em pedacinhos. Os pãezinhos saíram rolando em todas as direções.

Os outros alunos riram, bateram palmas e ficaram apontando para mim.

“Mandou bem!”

“Bela pegada!”

“Faz de novo!”

Mais uma oportunidade para a minha cara ficar vermelhona.

O que falta me acontecer agora?, pensei. Eu me virei para tentar fugir das risadas — e lá estava Shelly.

Ela não estava rindo de mim. “Eu ajudo”, ela disse.

Nós nos agachamos ao mesmo tempo para começar a juntar a comida — e batemos as cabeças.

“Ai!”, Shelly gritou. Ela deu um passo para trás e botou a mão na testa.

Sacudi minha cabeça, atordoado. *Não acredito que fiz isso.*

Uma professora veio na direção de Shelly e examinou a testa dela. “Vai sair um

belo galo aqui”, disse. “Melhor botar um pouco de gelo.”

“Está tudo bem”, Shelly disse. Ela olhou para mim. “Você está bem, Artie?”

Fiz que sim com a cabeça. “Você está sendo legal comigo porque sou novo na escola... não é?”, perguntei.

“É”, ela respondeu. Shelly me disse para pegar outra bandeja e me servir de novo — e disse que podia me sentar com ela.

Eu não podia acreditar que ela estava sendo tão legal. Voltei à fila da comida, mas acabei pisando no espaguete que havia derramado. Fiquei com os dois pés no ar — e caí de bunda em cima da comida.

Mais uma vez, todo mundo começou a rir muito no refeitório.

“Faz de novo!”

“Sensacional!”

“Esse moleque manda muito bem!”

Eu sabia que meu rosto estava da cor de uma beterraba. Tirei o espaguete grudado na parte de trás da calça e voltei para a fila da comida.

Poucos minutos depois eu estava sentado na frente de Shelly em uma mesa na parte da frente do refeitório. Ela estava comendo iogurte com uma colherinha. E sorrindo para mim.

Alguns garotos faziam uma guerra de leite lá nos fundos. Eles espirravam leite uns nos outros e depois jogavam as caixinhas, tentando acertar a cabeça.

Eu tinha escolhido um sanduíche de manteiga de amendoim dessa vez. Muito mais seguro.

“Você acabou de se mudar pra cá?”, Shelly perguntou.

Balancei a cabeça. “Sim.” Mordi o sanduíche.

“O primeiro dia numa nova escola é o fim”, ela disse.

Balancei a cabeça de novo. “É. O fim.”

Eu mal podia acreditar que estava sentado ali, conversando com a garota mais bonita da escola. Tudo bem, algumas coisas bem desastradas e dolorosas tinham acontecido comigo, mas vendo Shelly comer o iogurte eu tive certeza de que o dia ia ser demais.

Pena que esse foi o fim da nossa conversa.

Brick largou sua mochila no chão e despencou o corpanzil no banco ao lado de Shelly. “E aí? Tudo numa boa?”, perguntou a ela.

Ele espalhou seu almoço na mesa. Conteí três pizzinhas, dois pratos de espaguete, quatro pudins, três maçãs e um monte de bananas.

“Tá de dieta?”, perguntei.

Brick me ignorou. Ele enchia a boca de comida e se debruçava por cima de Shelly. Os dois falavam sobre como o time de futebol americano era sensacional.

“Você já experimentou sanduíche de manteiga de amendoim com banana?”, perguntei.

Eles continuaram conversando. Brick empurrou um dos pudins na direção dela, e eles comeram juntos.

“Gosto quando eles misturam chocolate e baunilha”, eu disse.

Eu não existia. Era invisível.

Eles seguiram naquela conversa fiada. Começaram a falar mal das garotas da mesa

ao lado. Então Shelly disse para Brick que a srta. McVie tinha caído da mesa.

Os dois riram.

“Ei... fui eu que fiz a professora cair!”

Eles nem olhavam para mim.

Então enfiei o resto do sanduíche na boca e me levantei. Eu sabia quando não me queriam por perto.

Eles conversavam e riam. Nem notaram que eu estava indo embora. Peguei minha mochila e saí do refeitório.

Se eu estava triste? Manteiga de amendoim gruda no céu da boca como se fosse cimento?

Sim, eu me sentia totalmente rejeitado. Shelly e eu estávamos tendo uma conversa tão legal — até Brick aparecer.

O sinal tocou e me distraiu daquele pensamento amargo. Era só o primeiro sinal. Isso queria dizer que ainda tínhamos cinco minutos antes do início da aula.

Acomodei a mochila nos ombros. Ainda estava esfregando a língua no céu da boca para tentar tirar a manteiga de amendoim dali.

Vi o banheiro dos meninos do outro lado do corredor. Abri a porta e entrei.

A luz estava tão forte que meus olhos levaram alguns segundos para se acostumar.

E foi então que começaram os gritos.

Uma garota saltou de dentro de uma das cabines. “Tarado!”, ela gritava. “Seu tarado! O que você está fazendo no banheiro das meninas?”

"Hã... desculpa", balbuciei.

Outra garota jogou um rolo de papel higiênico em mim. Pegou bem na minha testa.

"Desculpa." Saí do banheiro andando de costas — e pisei no pé do sr. Jenks.

O diretor deu um berro quando meu calcanhar atingiu seu dedão.

"Artie?"

Recuperei o equilíbrio e me virei para encará-lo. Ele ainda estava usando aquele paletó com o bolso rasgado.

"Você acabou de sair do banheiro das meninas?", ele perguntou.

"Hã... sim", eu disse.

O sr. Jenks colocou a mão sobre o meu ombro e se aproximou do meu rosto. "Será que precisamos ter uma conversinha?", perguntou, calmamente.

"Eu... acho... que... não", respondi.

Ele apertou meu ombro. Depois, passou a mão no lugar em seu paletó onde o bolso costumava ficar.

"Bom, vamos recapitular. Você trouxe seu cachorro para a escola, e ele arrancou o bolso do meu paletó novinho. Você arremessou um escorpião valiosíssimo pela janela. E agora eu o vejo saindo do banheiro das meninas."

"Eu não arremessei o escorpião. Só esbarrei no pote e ele caiu pela janela."

O sr. Jenks ficou me encarando por um tempão. "Tenha cuidado, Artie. Mais um acidente e você está fora", ele disse.

"Fora?", perguntei. Minha voz estava trêmula.

"Fora", ele repetiu.

"Tudo bem. Sem problemas."

O sinal tocou mais uma vez. Eu estava atrasado para a aula. Subi as escadas depressa e comecei a correr. Meu tênis fazia um barulhão no corredor vazio.

Cheguei ofegante à sala da srta. McVie. Ela estava de costas, escrevendo um problema de matemática na lousa.

Os outros alunos já estavam copiando. Shelly não levantou a cabeça quando passei por ela em direção à minha carteira.

Sentei e abri a mochila para pegar um caderno. Coloquei a mão lá dentro e tirei uma coisa esquisita.

Uma sunga!

Assustado, levantei o troço na minha frente. "Ei", gritei, "isso não é meu!"

Os outros alunos começaram a rir.

A srta. McVie se virou para ver o motivo de toda aquela agitação.

"Isso não é meu", eu gritava, segurando a sunga na minha frente.

Os alunos riram ainda mais.

A professora arregalou os olhos. "Artie... Por que você trouxe isso para a sala?"

“Isso não é meu”, repeti.

De repente, eu me dei conta do que tinha acontecido. Eu tinha pegado a mochila de Brick por engano no refeitório.

E, então, ele apareceu. Brick. Ficou parado bem na frente da minha carteira, olhando furiosamente enquanto eu segurava a sunga dele.

Brick se esticou e a arrancou da minha mão.

“Cara”, ele sussurrou, “você está metido numa tremenda enrascada.”

Como é que eu ia me concentrar nos problemas de matemática depois daquilo?

Na verdade, minha mão tremia tanto que eu não conseguia nem copiá-los da lousa.

Brick pegou a mochila e voltou apressado para sua sala. Fiquei pensando na ameaça dele. Aquelas palavras pavorosas — *you're getting into a real mess* — ofuscavam tudo o que a srta. McVie dizia.

O que, exatamente, ele estava planejando fazer comigo?

Brick era o garoto mais popular da escola. Todo mundo gostava dele. Então, não tinha como ele ser do mal, tinha? Ele não sairia por aí surrando uma pessoa só porque ela fez uma pequena confusão com as mochilas.

Ou sairia?

Eu não conseguia ouvir o que a srta. McVie estava dizendo. Não conseguia ouvir ninguém, na verdade. Não conseguia pensar em outra coisa.

Quando a professora anunciou um intervalo de quinze minutos — quando poderíamos sair da sala para pegar um ar fresco —, eu não quis levantar da cadeira. Queria permanecer em segurança, dentro da sala de aula.

Os outros alunos levantaram correndo, loucos para sair.

“Senhorita McVie, acho que vou ficar sentado aqui, pegando ar fresco da janela mesmo.”

Ela balançou a cabeça em sinal negativo, e me mostrou o caminho da porta com as mãos.

Eu não tinha escolha. Precisava sair.

Brick não está me esperando no corredor, eu repetia para mim mesmo. *Ele deve estar com os amigos. Provavelmente já esqueceu o incidente com a sunga a essa altura.*

Mas nada é tão ruim que não possa piorar.

Dei três passos para fora da sala e lá estava ele.

Brick estava parado do outro lado do corredor, com a cara fechada. Estava com um amigo, um cara negro tão grande e forte quanto o próprio Brick — e que também estava com a cara fechada.

“Chega aqui, Artie”, disse Brick. De uma maneira nada amistosa. Não foi tipo “Chega aqui, vamos bater um papo”.

“Eu e Darnell estávamos esperando por você”, ele disse.

Darnell deu um socão no ar.

Será que ele estava me dando um recado?

“Bom, vocês vão ter que esperar um pouco mais”, eu disse. E saí correndo.

Abaixei a cabeça e os ombros e disparei pelo corredor. No intervalo, estava abarrotado de alunos em grupos de dois ou três, mexendo em seus armários ou indo em direção ao pátio.

Abaixei ainda mais a cabeça e me espremi por entre dois professores. Eles me mandaram parar.

Sem chance.

Dei uma olhada para trás. Brick e Darnell estavam atrás de mim. Pareciam dois touros enfurecidos correndo na direção do toureiro.

Saltei sobre um garoto que estava agachado amarrando o tênis e caí no meio de um grupo de meninas. Meio que dancei no meio delas e continuei correndo. Elas abriram espaço para que eu passasse.

“Ô Artie! Espera aí!”, gritou Brick.

Eles estavam a poucos metros de distância, quase me alcançando. Esticaram os braços para tentar me pegar.

Eu estava chegando perto da escada, mas sabia que não ia conseguir escapar.

Para de correr, Artie, pensei. Eles não vão poder te machucar muito, pelo menos não dentro da escola. Não vão querer se meter em encrenca.

Então, cheguei na beira da escada e parei.

Alguma coisa bateu no meu tornozelo e quase me derrubou.

Demorei alguns segundos para perceber que era Brick. Ele tropeçou no meu tornozelo e saiu voando, com os braços levantados e tudo. Aterrorizado, engoli em seco quando começou a rolar escada abaixo.

Tum tum tum tum.

Sua cabeça batia nos degraus de cimento. Bateu em todos os degraus à medida que rolava até o chão.

Brick gritou o tempo inteiro.

E então... silêncio.

Um silêncio aterrador.

Fiquei parado no topo da escada, com o corpo todo tremendo.

Darnell estava congelado ao meu lado. Ele não mexia um músculo. Seus braços permaneceram caídos ao longo do corpo, sua boca estava aberta. Assustado e em estado de choque, ele assistiu a tudo com os olhos arregalados.

Então o grito de uma menina veio lá de baixo.

“Você matou Brick!”

Abri a boca para gritar, mas não saiu nenhum som.

Darnell continuava parado ao meu lado como uma estátua, paralisado de horror. “Ah, não. Não pode ser”, murmurou.

Fiz um esforço para me mexer e desci correndo as escadas.

Todo mundo gritava.

Vi Brick esparramado no chão, deitado de costas. Seus olhos estavam fechados. Uma das pernas estava numa posição meio estranha.

Lentamente, ele ergueu a cabeça e começou a resmungar. “Dá um tempo”, ele disse. “Não estou morto.”

A gritaria parou na hora. Um grande silêncio tomou o corredor.

Brick soltou um urro de dor e fez uma careta. “Minha perna...”, ele gemeu.

Dois professores vieram correndo. Um deles, uma mulher alta e magra de jeans e camiseta, fez com que a multidão de crianças abrisse espaço.

O outro professor, um cara mais velho com cabelo e barba grisalhos, se ajoelhou ao lado de Brick. “Ele quebrou a perna. E bem feio”, disse. “Ninguém mexe nele.”

“A perna?”, Brick perguntou.

“Está fraturada em pelo menos dois lugares”, o professor explicou. “Não olhe pra ela. Não está nada bonita.”

“Mas e o time de futebol americano?”, Brick perguntou.

O professor balançou a cabeça. “A temporada terminou pra você, Brick.”

De repente percebi que todo mundo estava olhando para mim, como se estivessem me acusando de alguma coisa.

Antes que eu pudesse sair dali, Darnell se aproximou. Ele encostou a boca na minha orelha e sussurrou: “Vou te pegar depois da aula, fedelho”.

Fedelho?

Senti meu estômago pesando.

Será que agora todo mundo na escola me odiava?

"Agora todo mundo na escola odeia você", disse o sr. Jenks. "Mas não leve para o lado pessoal, Artie."

Ele me chamou em sua sala assim que os paramédicos levaram Brick embora. A ambulância saiu tocando a sirene bem alto. Fiquei sentado numa cadeira dobrável na sala do diretor, enquanto ele caminhava de um lado para o outro atrás da mesa.

A costumeira expressão de alegria havia desaparecido de seu rosto. Aquele sorriso que estava sempre lá — adivinha só — sumira.

Esse é o pior dia da minha vida, eu repetia para mim mesmo. *É o primeiro dia de aula e todos os alunos já me odeiam. Não é fácil conseguir isso em apenas um dia.*

"Sei que é meio incomum para uma escola fundamental", o sr. Jenks continuou, "mas levamos muito a sério o time de futebol americano. Brick é conhecido em todo o estado. Ele era nossa maior esperança para a temporada."

Ele parou de andar. Seu olhar parecia me atravessar.

"E agora essa esperança foi esmagada. Destroçada. Em vários pedaços."

Abaixei a cabeça e olhei para o chão. Juntei as mãos com força no colo. Não sabia o que dizer.

"Sei que foi um acidente", disse o sr. Jenks. "Você não empurrou Brick escada abaixo. É claro que foi um acidente."

"Foi mesmo", murmurei, mantendo a cabeça baixa.

"Pelo que entendi, você quase mandou a senhorita McVie para o hospital também", ele disse. "Você fez com que ela caísse da mesa?"

"Também foi... um acidente", eu disse.

"Mas, Artie", ele continuou, com aquela vozinha doce. "Você tem que se perguntar por que tantos acidentes acontecem onde quer que você vá."

"Sim."

Eu não sabia o que tinha que dizer. Só queria sair daquela sala.

Não. Na verdade, eu queria era sair daquela escola e nunca mais voltar.

Quem sabe — se eu pedisse com jeito — ele não me expulsaria?

"Mais uma coisa", disse o diretor. Ele se sentou e bateu na mesa com as duas mãos. Depois, passou-as na careca.

"Pedi a Darnell e alguns de seus companheiros de time para dar uma surra em você depois da aula", ele disse.

Meu queixo caiu. Deixei escapar, sem querer, um som de engasgo.

"Você o quê?", finalmente consegui dizer. Minha voz saiu tão aguda que um cachorro não seria capaz de ouvi-la.

O sr. Jenks tamborilava sobre a mesa. "Pedi a alguns dos amigos de Brick do time de futebol americano que dessem uma surra em você depois da aula", ele confirmou.

“Mas... mas...”, eu gaguejava.

“Pedi que eles dessem uma bela surra em você em nome de Brick e de todo mundo aqui da Escola Fundamental Ardmore”, disse o sr. Jenks.

Senti meu peito estremecer, e aquele peso voltou ao meu estômago. Fiquei de pé.

“Mas você é o diretor da escola. Você não pode fazer uma coisa dessas!”

Ele me olhou com a cara fechada. “Artie, tenho que fazer o que acho que é justo.”

Eu queria que aquela tarde nunca acabasse.

Não queria que o sinal tocasse anunciando o fim das aulas, porque sabia que seria também o meu fim.

Mas a tarde passou voando, como se tivesse durado uns cinco minutos no total.

Quando o sinal tocou e eu me levantei da cadeira, minhas pernas começaram a tremer. Minha garganta estava seca. Comecei a olhar para todos os lados, esperando que Darnell e seus amigos me atacassem ali mesmo, dentro da sala.

Parti na direção da porta, mas Shelly estava na minha frente. “Alguém avisou você?”, ela perguntou, num sussurro.

“Sim”, eu disse. “Eu...”

“Alguém disse que o time de futebol americano está planejando bater em você assim que sair na rua?”

“É, fiquei sabendo.”

“Está bem”, ela disse. “Só queria saber. Não é nada pessoal, Artie. Quer dizer, Darnell e os outros são os caras mais legais do colégio. Eles nunca brigam com ninguém nem fazem nada assim.”

“Posso sair com você?”, perguntei. Minha voz estava fraquinha. “Talvez se a gente sair junto eles não me cubram de porrada até eu virar um bagaço de laranja.”

“Bem que eu gostaria”, ela disse. “Mas tenho aula de tênis.”

Shelly me deu um tchauzinho e saiu apressada pela porta.

Ela é mesmo muito legal, disse para mim mesmo. *Queria mesmo me ajudar.*

Eu estava perdendo tempo. Sabia que eu tinha que me mandar. Chegar ao meu armário. Guardar minhas coisas. Ir até a porta dos fundos discretamente e correr para casa.

E eu tinha que ser rápido. Numa dessas os jogadores já deviam até estar me esperando. Talvez na porta da frente, talvez na rua.

Mantive os olhos bem abertos enquanto passava pelas fileiras de armários no corredor. Parei em frente ao meu e joguei a mochila no chão.

Minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia abrir a fechadura.

O corredor ainda estava lotado. De vez em quando eu olhava por cima dos ombros, com medo de enxergar os jogadores enfurecidos correndo na minha direção.

Olhei as costas da minha mão. Era lá que eu tinha anotado a combinação do meu armário naquela manhã, para não esquecer: trinta para a direita, doze para a esquerda e dois zeros para a direita.

Escutei passos. De gente correndo muito rápido.

Engoli em seco. Então me virei.

Não era nada. Um grupo de garotos passou correndo sem olhar para mim.

Voltei a olhar para a fechadura. Tive que segurá-la com as duas mãos para que

parasse de tremer.

Trinta, doze, zero, zero.

Puxei a porta com força.

Nada. Ela nem se moveu.

Será que fiz alguma coisa errada?

Conferi a anotação feita em canetinha preta na minha mão.

Trinta, doze, zero, zero.

Estava certo. Eu devo ter feito alguma coisa errada.

Olhei em volta. Nenhum sinal dos meus carrascos.

Respirei fundo e comecei a girar a fechadura de novo. Com cuidado... com muito cuidado.

Puxei a porta mais uma vez. Nada. O armário simplesmente não se abriu.

“Vamos lá! Vamos! Abre!”, gritei com raiva. E chutei o armário.

Eu estava enlouquecido. Tinha que sair dali antes que me encontrassem.

Tentei pegar a porta pelas laterais com as duas mãos e puxar com força. Nada.

Tentei enfiar meus dedos por debaixo dela para tentar arrombá-la.

Eu estava puxando a porta com toda a força quando senti um tapinha no ombro.

Engoli em seco e me virei. Dei de cara com Darnell, bufando no meu rosto.

“Cara, qual é o seu problema? Agora você está tentando arrombar meu armário?”, ele disse. “Tem alguma coisa que você queira aí dentro?”

Engoli em seco. Tirei as mãos do armário e conferi o número impresso na parte de cima.

Ops. Armário errado.

“Foi mal”, eu disse me afastando. “Meu armário é aquele ali. Desculpa. Sabe como é. Primeiro dia de aula.”

Pela carranca que Darnell estava fazendo, dava para perceber que ele não tinha aceitado minhas desculpas. Começou a bufar com ainda mais força, o peito inflando e murchando por baixo da camiseta.

Ele estava prestes a me atacar.

Avistei vários outros garotos mal encarados no fim do corredor. Eles vinham em minha direção com os punhos fechados. De certa forma eu sabia que não pretendiam me dar as boas-vindas.

Hora de fugir.

Não esperei para ver o que ia acontecer. Dei uns passos correndo na direção dos garotos, só para confundi-los.

Então, em um movimento brusco, virei na direção oposta e saí correndo.

Mas minha manobra não funcionou. Darnell liderava o bando que vinha atrás de mim. O som que eles faziam lembrava uma boiada correndo em disparada num daqueles filmes antigos.

Os outros garotos saíam pulando do caminho. Os jogadores de futebol americano tinham abaixado a cabeça e corriam como... jogadores de futebol americano.

Virei num canto, procurando por uma porta, uma saída. Quem sabe se eu conseguisse chegar até a rua poderia me esconder atrás de algum dos pais que esperavam seus filhos?

Mas o corredor acabava em outro corredor. Respirei fundo e tentei correr ainda mais rápido, mas comecei a sentir dores. Os músculos das pernas começaram a latejar.

À medida que iam se aproximando, os atletas gritavam coisas como:

“Ei, carniça!”

“Seja homem e pare de fugir!”

“Não vamos te machucar *muito*!”

“Carniça! Sabe qual é o seu nome? É Carniça!”

Muito inteligente.

Eu sabia que não aguentaria correr por muito tempo mais. Virei em outro canto — e vi um armário aberto.

Nem pensei no que estava fazendo: pulei dentro dele e fechei a porta.

Será que eles me viram? Será que caí numa armadilha?

Meu coração batia com tanta força que meu peito doía. Prendi a respiração e fiquei

escutando.

Eles passaram a milhão pelo armário e seguiram correndo.

Eu ainda conseguia ouvir seus passos pelo corredor. Esperei mais alguns segundos. Então abri o armário, saltei e disparei na direção contrária, procurando uma saída.

Era uma questão de segundos até eles voltarem.

Quando vi as escadas que levavam ao porão, dei uma freada. Será que eu os despistaria lá embaixo?

Com certeza havia muito mais lugares para se esconder naquele porão escuro e apavorante. Peguei no corrimão e disparei escada abaixo, descendo dois degraus a cada passo.

Quando vi, estava de volta ao corredor empoeirado, mal iluminado e cheio de teias de aranha. Passei por várias portas fechadas e me encolhi para não bater a cabeça na tubulação no teto.

Meus pés levantavam uma grossa camada de poeira do piso de concreto. Eu ouvia o barulho das máquinas, a água passando pelos canos, vários chiados e rangidos estranhos.

Prestei atenção para tentar ouvir os passos e os urros do time de futebol. Será que eles tinham se dado conta de que eu estava ali embaixo?

Sim. Eu ouvia seus gritos ao longe, que ficavam cada vez mais altos.

Onde eu podia me esconder?

As sombras pareciam querer me engolir. Uma baita aranha passou balançando perto do meu rosto. Eu a tirei do caminho enquanto examinava o longo corredor.

A maioria das portas estava fechada. Passei por uma pequena despensa cheia de baldes e esfregões. Não tinha espaço para mim.

Dei uma espiada na sala ao lado. Estava escuro demais para se ver qualquer coisa.

“Oooooooooohhhh...” O gemido tinha saído do fundo da sala? Será que tinha alguém ali?

Lutei contra o medo. Tentei controlar meu coração.

Eu tinha que seguir em frente. Comecei a andar mais rápido, tirando as teias de aranha que apareciam pelo caminho.

Não parei até chegar à biblioteca. Entrei, ofegante. Olhei para a pilha de monitores numa das paredes. Todos mostravam salas de aula vazias.

Nenhum sinal do sr. Blister.

Olhei em volta. Pilhas de livros, do chão ao teto.

Decidi me esconder atrás das estantes.

As prateleiras eram como paredes bem escuras. O lugar perfeito para despistar meus perseguidores.

Eu me meti entre duas fileiras e fui na direção da parede dos fundos. As estantes bloqueavam completamente a luz. Estava bem quente lá atrás. Tinha cheiro de poeira e podridão.

Escutei gritos no corredor. Os jogadores estavam chegando perto da biblioteca.

Comecei a me encolher atrás de uma das estantes, e foi então que vi uma porta aberta na parede dos fundos.

O que será que tinha ali?

Com o coração em disparada, eu me esgueirei por trás da estante e corri para lá.

Passei e fechei a porta.

Escuridão total.

Tateei a parede até encontrar um interruptor. Uma luz acendeu. Pisquei até acostumar meus olhos à claridade.

Eu estava em uma sala comprida e estreita. O piso e as paredes eram pretos.

“Ei!”, gritei. Eu não estava só. Dezenas de pessoas estavam espremidas ali dentro. Algumas estavam de pé, lado a lado, em quatro fileiras. Outras estavam em mesinhas de metal.

Levei alguns segundos até me dar conta de que elas não estavam se movendo. Não estavam vivas. Será que eram manequins?

Elas estavam enroladas em algum tipo de bandagem. Como múmias. Quatro fileiras compridas de manequins. O corpo e a cabeça escondidos debaixo de grossas camadas de bandagens.

Engoli com dificuldade. Minha garganta pareceu seca de repente. Senti um frio na barriga.

O que era aquilo? Por que estava escondido ali, no porão da escola?

Eu me aproximei e estiquei a mão para tocar a cabeça de um deles.

Então ele *falou*.

“Eu sou Artie”, ele disse, numa voz bem baixinha. A minha voz!

“Eu sou Artie. Eu sou Artie. Eu sou Artie.”

Deixei escapar um grito de horror: “Nããããão!”.

Então eu caí...

... e caí...

... e acordei na minha cama. Ainda gritando. No meu quarto. Debaixo das cobertas. Na minha própria cama.

Será que o primeiro dia de aula tinha sido um sonho? *Será?*

PRIMEIRO DIA

Parei de gritar alguns segundos antes de o despertador tocar.

Aquele barulhão me deu um susto e eu caí da cama, despencando com força sobre o piso de madeira. Bati minha cabeça no chão uma ou duas vezes. Cheguei a ver estrelas, que nem nos desenhos animados.

Pisquei com força para tentar me livrar da dor que fazia minha cabeça latejar — e também para o quarto parar de girar.

Antes que pudesse me levantar, mamãe entrou no quarto.

“Artie, o que você está fazendo deitado aí no chão?”

“Não acredito”, murmurei. “Como é que consegui cair da cama duas manhãs seguidas?”

Mamãe ficou me olhando.

“E ainda bati minha cabeça de novo!”, eu disse.

Ela me ajudou a levantar.

“Você só está nervoso por causa do primeiro dia de aula”, ela disse.

“Hã?” Ajeitei a camiseta do pijama e olhei bem sério para ela. “Primeiro dia? Você se esqueceu de ontem?”

“Que dia foi ontem?”, mamãe perguntou. “Domingo. O que aconteceu?”

“Ontem foi o primeiro dia de aula”, insisti.

Ela passou a mão no meu cabelo. “Artie, acho que você bateu a cabeça com muita força. Você sabe que hoje é o primeiro dia de aula.”

Mamãe juntou uma pilha de roupas sujas que eu havia jogado no chão. “Agora não perca mais tempo e vista logo suas roupas. Seu irmão já está lá embaixo. Estou fazendo panquecas.”

Fiquei olhando mamãe sair do meu quarto carregando a pilha de roupas.

“Comemos panquecas ontem de manhã”, disse para mim mesmo. Coloquei a mão na lateral da cabeça. Não estava grudenta.

Fiquei ali de pé, parado, por um bom tempo.

Eu queria entender o que estava acontecendo. Então... meu primeiro dia na Escola Fundamental Ardemorre tinha sido um sonho. Ou melhor: um pesadelo. Tudo porque eu estava estressado por causa da ideia de uma nova escola.

Mas tinha parecido tão real. Tão *dolorosamente* real.

Bem, então hoje é o primeiro dia de aula de verdade.

Como eu me sentia com isso?

Sensacional!

Aquele tinha sido o pior, mais assustador e mais horripilante dia da minha vida. Mas nada tinha acontecido. Não era real.

Eu teria uma nova chance. Um novo começo de ano letivo.

O que usar no primeiro dia? Eu tinha passado horas pensando nisso, mas

simplesmente não conseguia me decidir.

Dois dias atrás, eu tinha colocado todas as minhas camisetas em cima da cama. Qual delas era a mais legal? Nenhuma... Eu definitivamente precisava de camisetas novas.

No fim, escolhi a camiseta preta que dizia apenas CAMISETA na frente. Era bem engraçada, pensei. Vesti também uma calça jeans.

Peguei meu celular. A bateriazinha no canto estava piscando. Sem bateria. Mas eu não tinha carregado esse troço ontem?

Acho que estava me confundindo todo por causa daquele sonho.

Mas tudo bem. Eu ainda tinha tempo de sobra para fazer isso enquanto tomava o café da manhã.

Encontrei o carregador. Conectei no telefone. Então coloquei na tomada perto do chão e...

Zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzaaaaaaaaaap.

Uma descarga elétrica atravessou meu corpo. Fiz uma dancinha muito louca pelo meu quarto. Agitei os braços no ar, totalmente fora de controle.

Não foi a mesma coisa que aconteceu no sonho?

Eu ainda conseguia sentir a corrente percorrendo meu corpo quando desci em direção à cozinha. Papai já tinha saído para trabalhar. Mamãe estava servindo uma xícara de café.

Wowser estava em seu lugar de costume, embaixo da mesa. Ele tinha passado a vida toda esperando alguém derrubar comida no chão.

Eddy, meu irmão de cinco anos, já estava sentado à mesa, enfiando o garfo numa pilha de panquecas quentinhas cobertas de calda.

“Bom dia, porquinho”, eu disse.

Ele arrotou em resposta. Eddy tem um grande talento: ele pode arrotar na hora que quiser. E são arrotos muito molhados e nojentos.

“Panqueca de novo?”, perguntei a mamãe.

Ela franziu a testa enquanto tomava um gole do café. “De novo? Como assim?”

“Comemos panqueca ontem!”

Eddy riu. “Nós comemos cereal. Lembra? Eu derrubei o leite.”

“Faz semanas que não comemos panquecas”, disse mamãe.

“Ah. É verdade”, respondi.

Sentei na frente de Eddy. Ele fez um movimento com o braço e derrubou o copo de suco de laranja. Um rio veio correndo na minha direção.

Eu me levantei num pulo. O suco quase manchou minha calça.

Eddy riu, depois arrotou mais uma vez.

Revirei os olhos. “Não é engraçado.”

Mamãe limpou o suco de laranja da mesa. “Artie, não esqueça que você tem dentista depois da aula”, ela disse. “Leve o celular. Pegue o ônibus para a consulta e me ligue quando chegar lá.”

As panquecas ficaram prontas. Peguei duas e coloquei no prato. Queimaram meus dedos, mas estavam com um cheiro tão bom!

Tentei pegar o pote de calda. Eddy fez o mesmo, ao mesmo tempo. “Mais calda”, ele resmungou.

Meu irmão apertou a embalagem. Uma calda grossa e marrom saiu voando de dentro dela.

“Ah, nãããão!”, berrei. Tentei me esquivar, mas um monte de calda acertou meu cabelo.

“Isso não pode estar acontecendo”, gritei. Levantei em um salto. Tarde demais: eu podia sentir a gosma adocicada e grudenta escorrendo pela minha cabeça. Senti quando pingou no meu ombro, em cima da camiseta.

Passei a mão pelo cabelo, e ela também ficou melecada e grudenta.

“Mãe!”, gritei. “Você tem que me ajudar!”

“Calma, Artie”, ela disse, suavemente. “É só calda.”

“N-não. Você não está entendendo”, gaguejei. “O meu sonho. O pesadelo horrível que tive sobre o primeiro dia de aula. Acho que está virando realidade!”

Não dava tempo de lavar o cabelo. Eu só queria ficar em casa, matar aquele dia de aula. Como é que eu ia aparecer numa escola nova com meu cabelo encaracolado todo em pé de um lado e colado na cabeça do outro?

Não tinha a menor chance.

Mas mamãe disse que eu não ia perder o primeiro dia de aula só por causa de uns cabelos grudentos.

Então enfiei um boné na cabeça, coloquei a mochila nas costas, peguei Eddy pela mão e saí para levá-lo até a escolinha.

Tinha chovido na noite anterior. Poças de água enormes e profundas se espalhavam pelas ruas e calçadas.

Como sempre, Eddy pulava como um chimpanzé em cada uma delas. Ele levantava verdadeiras ondas ao redor e logo ficou totalmente encharcado. Mas ele não se importava. Achava tudo engraçado.

Ele é muito imaturo para um menino de cinco anos de idade — e não estou dizendo isso só porque é meu irmão.

Estou dizendo porque Eddy é um pé no saco.

Tentei ficar o mais longe possível dele, mas mamãe disse que eu tinha que segurar sua mão quando fôssemos atravessar a rua.

Andamos as três quadras até a escolinha. Ele passou o tempo todo pulando, espirrando água para todo lado, gritando e se divertindo muito. Eu só podia esperar que ninguém da minha escola passasse por nós e me visse com ele.

Seria muito constrangedor.

Já dava para ver a placa do outro lado da rua: ESCOLA BÁSICA CYRUS, LAR DOS ZANGÕES DESTEMIDOS.

Paramos na esquina. Olhei para os dois lados da rua para me assegurar de que nenhum carro estava vindo.

Então me lembrei do caminhão no meu sonho. Ele passou fazendo a maior barulheira e espirrou água num ponto bastante constrangedor da minha calça.

Tinha sido apenas um sonho, mas eu não queria correr riscos. Não podia deixar aquilo acontecer de novo.

“Vamos ficar mais pra trás”, eu disse ao Eddy, e comecei a puxá-lo para longe da esquina.

Mas ele começou a me cutucar na barriga com o indicador. “Sou um zangão!”, ele dizia. “Bzzz. Bzzz. Sou um zangão.”

E enfiou o dedo na minha barriga de novo.

“Eu piquei você! Sou um zangão.”

Eddy tentou me picar de novo. Dei um pulo — bem na hora em que um caminhão-tanque prateado passou a toda a velocidade.

Os pneus passaram em cima de uma poça d'água enorme, mandando uma onda de água da chuva para cima da calçada.

Senti o impacto gelado da água no meu jeans.

Nem precisei olhar para baixo. Sabia exatamente o que tinha acontecido.

Eddy começou a pular ao meu redor. Ele jogava a cabeça para trás e soltava uma gargalhada selvagem e enlouquecida.

Meu irmão apontava para mim e gritava: “Parece que você fez xixi na calça!”.

Certo, já estava começando a me assustar.

Digamos que na noite anterior eu tivera um pesadelo sobre o primeiro dia de aula. E digamos que tenha sido um pesadelo muito real.

Não existe a menor chance desse pesadelo se tornar realidade — existe?

Quer dizer, tim-tim por tim-tim? Nos mínimos detalhes?

Mesmo assim, lá estou eu, com a cabeça coberta de calda e a calça molhada.

Não sou de me assustar fácil. Na minha família, só eu assisto aos filmes de terror e gargalho o tempo todo.

Você poderia saltar de dentro de um armário e me pegar pelo pescoço ou sair de debaixo da minha cama gritando no meio da noite — e eu não daria um pio.

Ficaria frio e tranquilo.

Mas agora, parado em frente à escola de Eddy, vendo o caminhão-tanque indo embora... eu admito, estava apavorado.

O que viria a seguir?

Bom, levei Eddy até sua sala. Nenhum problema até aí. Exceto pelo fato de meu irmão ter entrado correndo na sala gritando: “Meu irmão fez xixi na calça! Meu irmão fez xixi na calça!”.

As crianças ficaram enlouquecidas. Olhavam para mim apontando e rindo feito uns lunáticos. Não deve ter muita coisa mais engraçada quando se tem cinco anos de idade.

“Obrigado, Eddy. Fico devendo uma”, eu disse, e saí correndo da escolinha o mais rápido que pude.

Tentei matar um pouco de tempo no caminho até a escola, para dar uma chance de minha calça secar. Mas a Escola Fundamental Ardmore ficava a apenas duas quadras dali. Meu jeans ainda tinha uma marca escura na frente quando comecei a subir as escadas.

Após alguns degraus, parei. “Uau!”

Fiquei apavorado de novo. A escola era exatamente igual à do meu sonho. Um prédio alto, de pedra cinza, com quatro andares, muitas janelas e uma trepadeira descendo do telhado.

Senti um calafrio percorrer a espinha.

Sim, eu já tinha estado ali com meus pais no verão anterior, quando fomos fazer a matrícula. Eu já tinha visto a escola. Mas mesmo assim... não deveria ser exatamente igual à do meu sonho. Deveria?

Tentei deixar aquela sensação estranha para lá e subi o resto dos degraus. Outros garotos passaram correndo. Vi que eles viravam a cabeça para olhar para a minha calça.

Como se eu já não estivesse nervoso o suficiente no meu primeiro dia de aula...

Precisava passar por mais esse constrangimento?

Um homem careca vestindo um terno marrom cumprimentava os alunos na porta de entrada. Eu o reconheci. Era o sr. Jenks, o diretor.

Meus pais e eu tivemos uma ótima conversa com ele no verão anterior. Ele parecia ser um cara muito feliz. Tinha olhinhos azuis brilhantes e um sorriso caloroso que jamais saía de seu rosto.

O sr. Jenks cumprimentava todos os alunos que passavam pela porta e aproveitava para falar com eles. “Oi, Artie”, ele disse, enquanto apertava minha mão. O diretor sorria para mim. Senti cheiro de hortelã em seu hálito.

“Bem-vindo a Ardmore”, ele disse.

Será que estava olhando para a minha calça?

O sr. Jenks arrumou a gola rulê da blusa amarela que usava por baixo do paletó marrom.

Era a mesma blusa amarela de gola rulê que ele estava usando no meu sonho?

“Primeiro, você precisa descobrir em que turma está”, ele me disse. “As listas estão penduradas na parede em frente à minha sala.”

“Eu sei.”

Ele me olhou com estranhamento. “Sabe?”

Alguns garotos estavam brincando com uma bola de beisebol perto da escada. De repente a bola escapou, bateu nos degraus e quicou escada acima. Uma garota a pegou e jogou de volta para eles.

Passei pelo sr. Jenks e fui na direção da porta, mas ele colocou a mão sobre meu ombro para me impedir de continuar.

“Artie, sinto muito, mas não permitimos bonés nesta escola. Será que você poderia tirar o seu?”

“Hã... claro”, eu disse.

Tentei tirar o boné, mas estava preso ao meu cabelo coberto de calda. De repente lembrei por que eu o estava usando. Com metade do cabelo grudado na cabeça, eu parecia uma aberração.

“Será que eu poderia usar boné só hoje?”, perguntei.

O sr. Jenks balançou a cabeça. O sorriso continuava lá. “Não, sinto muito. Sem exceções. Pode tirar.”

Puxei o boné com força. Um pouco de cabelo saiu junto.

“Artie.” O sr. Jenks se inclinou na minha direção e falou no meu ouvido. “Eu sou a lei por aqui. Você não vai querer bater de frente com a lei, vai?”

“Lei?”, perguntei. Eu não tinha certeza se tinha ouvido direito.

“Você não vai querer bater de frente com a lei, Artie”, Jenks repetiu. “Porque eu poderia transformar sua vida em um verdadeiro inferno.”

Havia muito barulho. Tenho certeza de que não ouvi direito o que o diretor falou. Ele não disse que poderia transformar minha vida em um verdadeiro inferno. Não estava falando sério.

Seria loucura.

Jenks ainda sorria calorosamente para mim. Então ele se virou para cumprimentar duas gêmeas. Elas tinham cabelo ruivo, olhos verdes e estavam vestidas com as mesmas roupas de brim.

Eu já tinha quase passado pela porta quando começou uma confusão atrás de mim.

Crianças gritando.

Um cachorro latindo.

“Hã?” Eu me virei e reconheci imediatamente o cachorro subindo as escadas correndo. “Wowser!”

Ah, não. Ele me seguiu até a escola.

“Wowser, deita!”, gritei.

Não fui rápido o bastante, e o enorme cão saltou sobre o sr. Jenks. Wowser batia com as patas no terno do diretor, deixando grandes manchas de lama nos ombros e em toda a parte da frente do terno dele.

Então ouvi o barulho de alguma coisa rasgando.

Wowser tinha arrancado um bolso do paletó do diretor.

“Deita! Deita!” Jenks tentava se livrar caminhando para trás, até que bateu as costas na parede. “Artie... esse cachorro é seu?”

“Deita, Wowser!”, gritei. “Deita, garoto!”

O sr. Jenks sentou a mão no focinho do cão na tentativa de afastá-lo.

Mas aí... *nhaaacc*!

Deu para ouvir um barulho horrível de mordida quando Wowser abocanhou a mão do diretor.

“Ele me mordeu! Ele me mordeu!”, Jenks gritava.

Vi um filete de sangue escorrer pelas costas da mão do diretor. Ele a sacudiu. Sangue pingou em seus sapatos.

Passei os braços em volta do pescoço de Wowser e o tirei de cima do diretor. “Ele... ele nunca tinha mordido ninguém”, gaguejei. “Costuma ser muito mansinho.”

“Deve ter farejado meu gato,” disse o sr. Jenks. Ele segurava a mão ferida com a mão boa.

Os alunos se aglomeraram na entrada, observando tudo em silêncio.

Na calçada, dois garotos continuavam arremessando a bola de beisebol de um lado para o outro.

Eu segurava Wowser pela coleira, com toda a força. Ele estava se acalmando.

“Vou levá-lo para casa imediatamente”, eu disse.

“Não vai, não”, disse o sr. Jenks. O sorriso havia sumido de seu rosto. “Precisamos fazer um exame para saber se ele tem raiva.”

“Wowser não tem raiva!”, gritei.

“Precisamos ter certeza absoluta disso”, o diretor respondeu. “Deixe seu cachorro comigo, Artie. Eu o levarei para casa depois do exame.”

Eu não queria deixar Wowser com o sr. Jenks, mas não tinha escolha.

Deixei-o aos cuidados do diretor e entrei na escola.

Eu sentia um frio na barriga. Não conseguia parar de pensar na mão de Jenks sangrando.

Aquilo não tinha acontecido no meu sonho. E isso era pior. Morder a mão do diretor era muito mais grave que arrancar o bolso do paletó do terno dele.

Será que o primeiro dia de aula de verdade seria ainda mais horrível que o do meu pesadelo?

Dei uma olhada no corredor comprido e lotado. A Escola Fundamental Ardmore era dez vezes maior do que minha escola antiga. O corredor se estendia por quilômetros, com fileiras de armários e salas de aula nos dois lados.

Como é que eu ia encontrar o ginásio? Ou o refeitório? Ou o banheiro dos meninos?

O primeiro dia de aula numa escola nova já é bem complicado, mas fica ainda pior se você estiver sendo assombrado pela lembrança de um pesadelo que insiste em se tornar realidade.

Decidi que não ia deixar o resto daquele sonho arruinar meu dia. Chega. Nada mais daquilo ia virar realidade.

Os alunos se empurravam e abriam caminho na base da cotovelada para tentar chegar à parede onde as listas estavam penduradas. Eu me enfiei no meio da multidão para tentar lê-las também.

“Brick! Ô Brick!”, um garoto alto e magrelo com o cabelo loiro espetado berrou no meu ouvido.

Brick?

O mesmo nome do sonho?

Senti um calafrio percorrer todo o meu corpo.

“Ô Brick! Em que turma você ficou?”

“Fiquei na turma da Freeley.” O garoto chamado Brick se virou. Ele era exatamente igual ao do meu sonho. Grande, compacto e retangular. Parecia um tijolo vestindo uma camiseta de futebol americano — só um pouco mais bonito. A camiseta tinha o número um estampado na frente e nas costas.

“Ei, eu também estou na turma da Freeley”, disse o cara de cabelo espetado. Ele e Brick se cumprimentaram tocando os punhos fechados.

Outros garotos esticaram os braços para fazer o mesmo. Brick parecia ser muito popular.

Alguém me empurrou. Eu me desequilibrei e tropecei — pisando com tudo no pé de Brick.

“Ei!” Ele deu um grito de susto. Depois gemeu. “Aaaau! Cara, você não é exatamente leve como uma pena, sabia?” Brick deu alguns passos, mancando.

“De-desculpe”, gaguejei.

O garoto de cabelo espetado olhou para a minha calça.

“Você precisa ir ao banheiro ou algo assim?”

Todos começaram a rir. Senti o rosto esquentando.

Brick e seus amigos saíram pelo corredor em direção às salas de aula. Ele ainda mancava um pouco.

“É melhor você pedir desculpas”, disse uma voz atrás de mim.

Eu me virei para ver a garota de blusa amarela e minissaia marrom. Shelly. Eu me lembrava dela do sonho. Sim, é claro, eu me lembrava de seus enormes olhos verde-acinzentados e de seu cabelo preto e liso escorrendo pelos ombros.

“É melhor você pedir desculpas”, ela disse. “Ele manda nessa escola.”

“Eu sei.” *Por que fui dizer uma coisa dessas?*

“Ele é o quarterback da seleção estadual do fundamental”, ela disse. “E é um crânio. E também é um cara muito legal. Todo mundo gosta dele.”

“Gosto dele também”, eu disse. “Quer dizer, não o conheço. Mas já gosto dele.”

Eu estava tentando ser engraçado, mas ela me olhou de um jeito estranho e não riu.

Acho que não foi muito engraçado.

“Você machucou o pé dele”, Shelly disse. “Não vai querer que todo mundo fique zangado com você.”

Abri a boca para responder, mas não tive chance.

Escutei gritos de alerta — e aquela bola de beisebol entrou voando pela porta da frente.

Ah, não, pensei. *Sem chance.*

Dessa vez não vou jogar a bola, acertar Brick e nocauteá-lo. Isso NÃO vai se tornar realidade.

Desviei da bola me encostando na parede e deixei que Shelly a apanhasse. Fez um barulhão quando ela a pegou.

Os alunos vibraram e aplaudiram.

Eu vibrei também. Estava muito feliz. Finalmente ia me livrar daquele pesadelo.

Então escutei alguém gritar. “Joga pra cá! Shelly! Arremessa!” Era o garoto alto de cabelo espetado. Ele estava no meio do caminho entre ela e Brick.

As mãos dele estavam levantadas. “Shelly, joga pra cá!”

Ela puxou o braço para trás, preparando o arremesso.

Fiz um gesto com a mão. “Vai, joga!” Quis dar um pequeno incentivo a ela.

Shelly lançou a bola.

Ela bateu na minha mão e mudou de direção, viajando pelo corredor.

A bola fez um *tchoooock* muito alto quando acertou Brick bem na parte de trás da cabeça.

“Ahhhhhh!” Um gemido muito esquisito escapou da garganta dele.

Brick esticou os braços e deu uma sapateada meio estranha. Então, seus joelhos dobraram e ele despencou no chão, inconsciente.

“Por que você fez aquilo?”, Shelly berrou. “A bola acertou Brick por sua causa!”

Tremendo de medo, olhei para a multidão, que me lançava olhares de fúria.

Algumas crianças gritavam. Shelly correu pelo corredor, chamando por Brick. Uma enorme multidão se formou ao seu redor.

Ele se levantou rapidamente e ficou sentado no chão, passando a mão na parte de trás da cabeça. Seus olhos reviravam meio sem controle, mas depois pararam no lugar. Ele piscou forte várias vezes e por fim olhou na minha direção.

“Quem jogou essa bola?”, perguntou. Brick parecia estar grogue e continuava passando a mão na parte de trás da cabeça.

Eu não tinha me mexido. Permanecia congelado, incrédulo.

“Eu joguei a bola”, disse Shelly. “Mas aquele garoto novo bateu nela e fez com que mudasse de direção.”

Brick fechou a cara e olhou para mim. “Você não é o garoto que pisou no meu pé?”

“Foi um acidente”, eu falei, engasgando. “Aquilo foi um acidente.”

Dois caras ajudaram Brick a se levantar. Ele parecia tonto, mas, fora isso, bem.

O sr. Jenks veio correndo pelo corredor. Seu paletó rasgado tremulava a cada passo.

“O que está acontecendo?”, o diretor perguntou. “Por que vocês não estão na aula?”

Brick apontou para mim. “O garoto novo me acertou com uma bola de beisebol”, ele disse. “Quase me nocauteou.”

Jenks se virou na minha direção. Mais uma vez, o sorriso havia desaparecido. “Você não está tendo uma boa manhã, Artie”, ele disse. “Primeiro seu cachorro quase me transmite raiva, e agora você nocauteia...”

“Foram acidentes”, eu disse. Minha voz saiu toda errada. Comecei a sentir os joelhos tremendo. “Acidentes. Eu juro.”

“Brick, vá até a enfermaria para ser examinado”, pediu o sr. Jenks.

Então ele se virou para mim e começou a falar numa voz bem baixinha. “Às vezes eu preciso fazer justiça com minhas próprias mãos, Artie”, sussurrou.

Mais uma vez, eu sabia que não estava ouvindo direito. Ele não podia ter dito aquilo — ou podia?

“Sou a lei por aqui”, o sr. Jenks sussurrou. Senti novamente o cheiro de hortelã em seu hálito enquanto ele falava. “Não bata de frente com a lei, porque ela sempre vence.”

“Hã... tá bom”, eu disse.

Tenho que sair daqui, pensei. É o pior dia da minha vida e a aula ainda nem começou.

O sr. Jenks deu um tapinha no meu ombro e abriu um sorriso caloroso. “Vá pegá-los, Lontra!”, ele disse.

Hã? Lontra?

Então vi a estante de vidro na nossa frente. Estava cheia de troféus esportivos

prateados. Em cima da estante, uma placa vermelha e azul dizia VAMOS, LONTRAS!

Certo. Vamos, Lontras.

Vamos, Artie, pensei.

Posso mudar esse dia. Sei que posso.

Finalmente vi a lista. Minha sala era a trezentos e sete. A turma da srta. McVie.

Lembrei os problemas que tive no sonho: não consegui achar a sala, acabei na turma errada e sentei na carteira de Brick.

Não desta vez, prometi para mim mesmo.

Dali em diante, tudo seria diferente.

Vi Shelly do outro lado do corredor e caminhei em sua direção. Ela me olhou de cima a baixo com aqueles olhos verde-acinzentados. Acho que estava tentando decidir se seria ou não legal comigo.

“O que aconteceu com o seu cabelo?”, perguntou.

“Um acidente com calda”, eu disse. Revirei os olhos. “Tenho um irmãozinho.”

“Eu também”, ela disse. E deu uma grande gargalhada.

“É o meu primeiro dia aqui em Ardemorre”, eu disse. “Estamos na mesma turma. Posso ir com você?”

“Sem problema”, ela disse, jogando o cabelo por cima dos ombros. “Essa escola é maluca. Eu mostro onde a sala fica.”

Sua mochila estava no chão, perto dos seus pés.

“Eu pego”, eu disse.

Nós nos abaixamos ao mesmo tempo — e batemos a cabeça.

“Auuu!”, gritamos de dor.

Botei a mão na cabeça. Parecia que ia rachar ao meio.

Quando consegui focar a visão de novo, Shelly estava me afastando com as mãos. “Por que você não vai na frente?”, ela disse. “Acho que vai ser mais seguro.”

“Mas...”, comecei a protestar. Queria muito ir com ela. Shelly poderia me levar até a sala com facilidade.

Então vi um galo vermelho em sua testa. Cresceu muito rápido, como se fosse um balão se enchendo. Achei que era melhor fazer o que ela tinha me dito e me mandei dali.

Comecei a perambular pelos corredores. Os números das salas, gravados nas portas de madeira, eram minúsculos. Muito difíceis de enxergar.

Todos já tinham entrado. Os corredores estavam vazios. Não havia ninguém para pedir ajuda.

A numeração das salas não fazia o menor sentido. Era de imaginar que a sala trezentos e sete ficava no terceiro andar, mas as salas com números que começavam em duzentos estavam no mesmo lugar que as que começavam com o número trezentos.

Meus passos ecoavam nas paredes de azulejo. Pensei ter ouvido um garoto chorando. Parei para escutar. Havia soluços também.

Depois, mais soluços e som de choro. Parecia que uma sala de aula inteira estava chorando e soluçando.

Eu não conseguia nem respirar. Parei do lado da porta para ouvir. Por que estavam chorando tanto? Nunca tinha ouvido tanta gente fazendo isso ao mesmo tempo.

O som lembrava uma maternidade. Só que as vozes não eram de bebês, mas de crianças.

Congelado, eu ouvia tudo do outro lado da porta. Sabia que algo horrível devia ter acontecido.

Por fim, não consegui me segurar. Os soluços eram assustadores e tristes demais.

Girei a maçaneta de ferro com a mão trêmula e empurrei a porta.

Olhei para dentro da sala — e soltei um gemido, em estado de choque.

A sala estava vazia. Não havia ninguém lá.

Só silêncio. Nenhum soluço. Só o barulho da minha própria respiração acelerada.

Meu corpo inteiro tremia enquanto eu olhava a sala de aula vazia.

As luzes estavam acesas. Dei um passo receoso para dentro. Olhei as filas de carteiras. Havia alguma coisa nas mesas que refletia a luz.

Estiquei o braço e toquei na que estava mais perto. Molhada.

De lágrimas?

A mesa ao lado também estava molhada. A água estava morna. Será que todas as mesas estavam cobertas de lágrimas?

“Isso é muito bizarro”, eu disse bem alto. Mas minha voz saiu fraca e abafada.

Sequei o dedo molhado na calça e saí daquela sala vazia e silenciosa.

Tinha alguma coisa errada ali. Tinha alguma coisa muito errada com a escola.

Voltei ao corredor vazio. Meu coração batia com toda a força.

Respirei fundo e retomei minha busca pela sala trezentos e sete. Enquanto caminhava pelos corredores labirínticos, pensava no meu sonho.

Por que eu me lembrava dele com tanta clareza? Por que me lembrava de cada coisinha que tinha acontecido?

Eu ainda estava pensando naquilo quando vi uma sala de aula com o número trezentos e sete gravado na porta. Olhei para ele com cuidado. Eu não queria cometer o mesmo erro do sonho.

O sinal tocou quando entrei na sala. Estava cheia de crianças rindo e conversando. “Aqui é o sexto ano?”, perguntei a um garoto cujo cabelo escuro caía sobre a testa. Ele estava concentrado escrevendo uma mensagem no celular.

Ele balançou a cabeça em concordância sem levantar os olhos.

Dei uma olhada pela sala, procurando pela srta. McVie. Nenhum sinal dela. Imaginei que os alunos não estariam conversando, rindo e escrevendo mensagens no celular se ela estivesse ali.

Dei uma conferida nas mesas. Estavam todas ocupadas. Exceto por uma lá no fundão, perto da porta.

Será que era a mesa de Brick?

Não tinha como. Não se eu estivesse na sala certa. E eu tinha conferido e conferido de novo o número da sala: trezentos e sete. Sabia que estava tudo certo dessa vez.

Sentei na carteira vazia. Coloquei a mochila no chão, bem na minha frente. Abri e comecei a tirar um caderno.

Mas parei quando uma sombra caiu sobre mim.

Eu sabia que era Brick. Sabia que estava acontecendo de novo.

Olhei para ele. Não parecia feliz em me ver. Que surpresa, não é?

Brick se debruçou sobre mim, seu peito inflando e murchando dentro do uniforme

de futebol americano.

“Cara, você está me seguindo?”, ele perguntou.

“Hã... não”, eu disse.

“Então por que está sentado no meu lugar? Levanta, cara. Não sei o que está tentando provar, mas já vou avisando: sai logo da minha frente.”

“Tá bom”, balbuciei. “Desculpa.”

Peguei a mochila pela alça e comecei a levantá-la do chão, mas minha mão escorregou — e acertou Brick bem no rosto.

“Meu olho”, ele berrou, e saiu cambaleando até bater as costas na parede. Brick cobria o olho com uma das mãos. “Você furou meu olho! Não estou conseguindo ver! Não consigo ver!”

Foi quando a professora entrou na sala junto com o sr. Jenks.

"Mas o que está acontecendo aqui?", o sr. Jenks quis saber. Suas bochechas ficaram rosadas, e seus olhinhos se voltaram na minha direção.

"Esse moleque me acertou bem no olho", disse Brick.

Ele tirou a mão do olho. Não estava tão mal. Meio vermelho, talvez.

"Pedi pra ele sair do meu lugar e ele me deu um soco no olho."

O sr. Jenks veio para cima de mim. "Isso é verdade, Artie?"

A professora ficou parada na porta. Era uma mulher mais velha, com cabelo grisalho bem curto, olhos acinzentados e rosto pálido. Vestia um casaco de lã e uma calça cinza.

Era como se ela tivesse saído de um daqueles filmes antigos em preto e branco. Sua boca estava aberta e formava um pequeno O. Ela simplesmente ficou ali parada, sem se mover.

"Minha mão escorregou, sr. Jenks", eu disse. "Foi um acidente, juro."

"Igual ao acidente com a bola de beisebol?", ele perguntou, olhando para mim com desconfiança. Suas bochechas rosadas tinham ficado vermelhas.

"Sim", eu disse.

"Igual ao acidente com meu paletó?"

"Sim", eu disse.

O sr. Jenks colocou a mão sobre o ombro de Brick e olhou para mim. "Nós precisamos desse cara, Artie", ele disse. "Precisamos que Brick esteja bem. Não queremos que ele se machuque."

O diretor se aproximou do meu rosto e olhou bem nos meus olhos. "Estamos entendidos?"

"Hã... sim." Tentei me afastar do rosto dele, mas estava encurralado, entre ele e a carteira.

"Posso sentar no meu lugar?", Brick perguntou a Jenks.

O diretor fez um sinal para eu me levantar. Peguei a mochila e saí da carteira.

Olhei para Brick. Não queria que ele me odiasse. Não queria fazer um inimigo no primeiro dia de aula. Especialmente se fosse o cara mais popular da escola.

"Desculpa, Brick", eu disse. "Juro que não vai acontecer de novo."

Estendi o braço para que apertássemos as mãos, mas fui rápido demais — e acabei acertando a barriga dele com força.

Brick colocou a mão na barriga e se dobrou sobre ela.

"Opa. Desculpa", eu disse. "Foi um acidente. De verdade."

Ainda com a mão na barriga, ele soltou um gemido apavorante. Em seguida, vomitou sobre a carteira.

Olhei para o sr. Jenks. "Foi um acidente", repeti.

O diretor se virou na outra direção. "Alguém pode chamar o zelador?", gritou.

Duas garotas saíram correndo da sala. A professora continuava paralisada na entrada.

Brick devia ter tomado um café da manhã reforçado. Ele tinha muita coisa para vomitar e fazia uns barulhos horríveis.

O sr. Jenks me olhava com desaprovação. “Estou de olho em você, Artie”, ele disse, por entre os dentes cerrados. “Minha paciência é grande, mas minha fúria é ainda maior. Você está me entendendo?”

“Na verdade, não”, eu disse.

Mas ele não me ouviu, pois já havia partido apressado em direção à porta. A professora abriu caminho. Então ela olhou a mesa.

Um homem vestindo um uniforme azul-escuro entrou na sala carregando um balde e um esfregão. “Nervosismo de primeiro dia de aula?”, ele perguntou à professora.

Ela deu de ombros: “Não exatamente”.

“Senhorita McVie”, eu disse, “não tem lugar pra mim.”

“Não sou a senhorita McVie”, ela disse. “Sou a senhora Freeley.”

Ah, mas é claro. Estou na sala errada. De novo.

Ela consultou a lista de chamada. “Qual é o seu nome?”

“Lama”, eu disse.

Ela percorreu a folha com os olhos. “Você não está na minha turma, senhor Lama.”

“Imagino que essa não seja a sala trezentos e sete”, eu disse.

Ela balançou a cabeça. “É a trezentos e sete A. Sua sala fica do outro lado do corredor.”

“Desculpa”, eu disse. Peguei a mochila e comecei a sair.

Mas Brick, que ainda limpava a boca com as costas da mão, me pegou pelo braço. “Essa é a minha mochila.”

Olhei para baixo. Tínhamos a mesma mochila, azul e preta. “Desculpa.” Larguei a mochila dele e peguei a minha.

Eu podia sentir que Brick olhava para mim furioso enquanto eu caminhava penosamente até a porta.

Você deve estar pensando que meu primeiro dia de aula na Escola Fundamental Ardemorre não estava indo muito bem — e você está totalmente certo.

Mas fiz uma promessa a mim mesmo enquanto abria a porta da sala trezentos e sete. Prometi a mim mesmo que faria tudo diferente.

Dali em diante, eu me recusava a cometer os mesmos erros do primeiro primeiro dia de aula.

Respirei fundo e caminhei em direção à srta. McVie. *De agora em diante, tudo vai ser diferente.*

A srta. McVie estava exatamente igual à primeira vez que a vi. Jovem e alta, com os cabelos castanhos presos atrás da cabeça em um rabo de cavalo.

Ela usava os mesmos óculos grandes de plástico vermelho. E estava com o mesmo colete marrom sobre a mesma blusa branca e o mesmo jeans surrado do sonho da noite anterior.

Bizarro.

Muito bizarro.

“Artie, por que você não vai sentar ali perto da janela?”, ela disse, apontando meu lugar.

“Prefiro não sentar ali”, eu disse.

Porque quero que as coisas sejam diferentes dessa vez. Sacou?

“Sinto muito, mas é o único lugar disponível”, ela disse. “Alguém quer trocar de lugar com Artie?”

Olhei por toda a sala. Vi Shelly sentada na primeira fila. Tinha um galo vermelho na testa.

Ninguém levantou a mão.

“Tá bom”, balbuciei. “Sem problemas. Mesmo.” E fui sentar na carteira ao lado da janela aberta.

Uma brisa adocicada vinha da rua, mas aquilo não me animou. Eu tinha que ficar muito ligado. Em estado de alerta.

Precisava me assegurar de que a história não ia se repetir.

A srta. McVie se sentou na beirada da mesa e cruzou as longas pernas. “Vou falar sobre o que iremos estudar este ano”, ela começou.

Levantei a mão. Ela olhou para mim. “Sim? O que foi, Artie?”

“Não senta na mesa, por favor”, pedi.

Ela ficou de boca aberta. Vários garotos caíram na gargalhada.

Senti meu rosto esquentando. Sabia que estava ficando vermelho.

“Artie, você está se sentindo bem?”, ela perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. “Sim, mas...”

“Bom, então por que você não quer que eu me sente na mesa? Está preocupado com os móveis da sala?”

Isso fez com que mais alunos rissem. Notei que Shelly ria também.

“Eu só... bom...”

Como é que eu ia explicar?

“Artie, só espero que você não me dê trabalho”, ela disse, descruzando e cruzando novamente as pernas. “Você vai me dar trabalho?”

“Não”, eu disse.

Então vi o escorpião no pote de vidro sobre o parapeito ao meu lado. O raro e

valioso escorpião. E me lembrei com clareza da abelha que entrou voando e entrou na minha camiseta. E de como tinha me deixado louco. E de como eu tinha dado um tapa no vidro e o escorpião tinha voado janela afora, para nunca mais ser visto.

“Imagino que vocês estejam se perguntando sobre aquela criatura no pote de vidro”, disse a srta. McVie, apontando na minha direção. “É o escorpião da nossa turma.”

Não por muito tempo, a menos que eu faça alguma coisa para mudar essa história.

Levantei a mão.

A srta. McVie resmungou. “O que é dessa vez, Artie?”

“Posso fechar a janela?”, perguntei. “Tá... ventando demais aqui.”

“Tudo bem, vá em frente”, ela disse, e voltou a falar para a turma. “Esse escorpião veio dos distantes desertos africanos. Ele é raro e vale muito dinheiro.”

E agora eu vou salvar sua vida fechando a janela.

Eu me levantei e me debrucei sobre o pote do escorpião. Estiquei o braço e alcancei a ponta da janela.

Tentei puxá-la para baixo com força, mas ela estava presa. Recusava-se a fechar.

Segurei a ponta da janela com mais força — e puxei.

“Ai!” Soltei um grito agudo quando minhas mãos escaparam da janela. Bati na parte de cima do pote de vidro, e a tampa saiu voando.

Ouvi a srta. McVie gritar quando ela caiu da mesa.

O pote tombou e o escorpião caiu pela janela.

“Nããããão!”

Soltei um grito de horror.

Eu não podia deixá-lo cair, então saltei.

Atravessei a janela atrás dele.

Mergulhei no vazio. Despenquei dois andares, berrando o tempo todo.

Para baixo... Para baixo...

Meus braços soltos no espaço. Minhas pernas dançando sem controle.

Para baixo...

Caí sobre a barriga. Meu corpo se contorceu muito. Quiqueei uma ou duas vezes.

Fiquei totalmente sem ar. Engasguei.

Demorei alguns segundos para perceber que tinha caído em cima de uma cerca viva. Uma cerca viva de arbustos bem robustos. Parecia até um colchão de molas. Ela salvou minha vida.

Lentamente, comecei a respirar de novo. As folhas dos arbustos pinicavam meu rosto. Levantei a cabeça.

Escutei gritos da janela lá em cima. Cabeças foram aparecendo. Todos me olhavam horrorizados.

Fiz sinal para eles. “Aterrissagem perfeita!”, gritei. “Eu tô bem.”

A srta. McVie esticou o pescoço para fora da janela. “Artie?” Ela estava branca de susto.

“Quando vou receber minha licença para pilotar?”, gritei.

Era fácil achar graça daquilo. Era uma alegria estar vivo e inteiro.

“Artie? Não se mexa. Vou chamar a enfermeira”, disse a professora.

Sentei no topo da cerca viva. “Não, eu estou bem. Foi um voo excelente.”

“Suba aqui para a gente ver como você está”, ela disse.

Apoiei as duas mãos no topo da cerca viva para tomar impulso e saltei para o chão.

Caí com força — e ouvi o som horrível de alguma coisa sendo esmagada sob meu tênis.

Ixi.

Tive um péssimo pressentimento. Levantei o pé. Eu estava certo.

Suspirando, peguei o escorpião e o examinei. Definitivamente morto. Eu tinha esmagado o bicho com o calcanhar.

“Nossa, agora eu mandei bem”, disse para mim mesmo. E joguei o escorpião morto nos arbustos.

Conferi minhas pernas. Estiquei os braços por trás da cabeça. Eu me sentia bem. Nenhuma dor. Nenhum problema.

Dei uma corridinha acompanhando a cerca viva na direção da entrada da escola. Os pássaros cantavam nas árvores. Um cachorro estava deitado ao sol. Tudo resplandecia, banhado pela luz de outono.

Virei num canto da cerca viva — e parei, num sobressalto. Um jato de água gelada veio em minha direção.

Não tive tempo de desviar. Um jardineiro de uniforme azul-escuro me olhava em

estado de choque enquanto eu gritava. Ele estava molhando a cerca viva com uma grande mangueira verde. Não tinha me visto até eu virar.

A mangueira mandou um jato de água congelante direto na minha calça.

“Ah, nããã!” lamentei. Pulei para o lado, mas era tarde demais.

Minha calça estava ensopada.

“Sinto muito”, disse o jardineiro. “Não era pra você estar em aula?”

“É que eu acabei de voar pra cá”, eu disse.

Tentei esconder a parte molhada com a camiseta, mas ela não era comprida o bastante.

Pouco tempo depois, cheguei à sala da srta. McVie. Todo mundo aplaudiu e vibrou. Era como se eu fosse um herói.

A professora veio mancando na minha direção. Tinha um sorriso meio dolorido no rosto.

“Por que você está mancando desse jeito?”, perguntei.

“Caí da minha mesa”, ela disse. “Acho que machuquei as costas.”

Então a srta. McVie foi abaixando os olhos até a mancha de água na minha calça.

“Pobre Artie”, ela disse. “Você ficou com muito medo, não é mesmo?”

Eu ia começar a falar sobre o jardineiro, mas senti uma fincada bem no meio das costas. Alguma coisa estava roçando minha pele.

Lógico! Eu sabia o que era. A abelha. Devia ter entrado na minha camiseta quando eu estava esparramado sobre a cerca viva.

“Ah, não”, murmurei. “Outra vez, não.”

Eu estava parado na frente da turma inteira. Vi que Shelly olhava para mim, sentada na fila da frente.

Retorci o corpo. Tentei me contorcer para que a abelha saísse voando pela parte de baixo da camiseta.

Ela zunia bem alto e se debatia nas minhas costas, perto dos ombros. Arrepios percorriam meu corpo de cima a baixo.

Eu me debatia e me revirava. Senti a abelha pinicando mais uma vez.

Comecei a me retorcer freneticamente. Estiquei o braço direito — e acertei o queixo de Shelly.

Ela soltou um gemido. Seus olhos verde-acinzentados reviraram dentro da cabeça, ela caiu da cadeira e desabou no chão.

“Foi um acidente! Um acidente!”, eu berrava.

Quando a abelha finalmente me picou, eu estava muito chateado para me importar.

Dois garotos se ofereceram para levar Shelly até a enfermaria. Ela fez uma cara feia para mim quando deixou a sala. Agora havia um grande vermelhão no queixo dela, combinando com o galo na testa.

Sim, claro que eu ainda tinha uma quedinha por Shelly. Mas acho que ela não ia muito com a minha cara.

Pouco tempo depois, a srta. McVie me mandou à enfermaria para que tirassem o ferrão das minhas costas. Aquilo fez surgir um enorme calombo. A enfermeira passou uma pomada, e ardeu loucamente.

Quando voltei para a sala de aula, a professora estava sentada sobre uma almofada. Ela me chamou.

“Não tenho livros de ciências para todos”, disse. “Preciso que você vá até a biblioteca e traga uns três ou quatro.”

Eu me lembrei da biblioteca do meu sonho. E também do gordão bizarro que trabalhava nela. Não queria voltar lá.

“Não dá pra outra pessoa ir?”, perguntei. “Minhas costas estão doendo por causa da picada.”

“Não seja manhoso”, ela disse. “Um exercício vai fazer você se sentir melhor.”

“Não, sério”, eu disse. “Se outra pessoa...”

“Eu quero que você vá”, ela insistiu. “Para ser totalmente sincera, preciso de um pouco de paz e silêncio.”

A srta. McVie fez um gesto com as duas mãos indicando a porta. “É no porão. O senhor Blister saberá de quais livros você precisa. Não precisa se apressar.”

Olhei bem para ela. “Senhor Blister?”

A professora assentiu com a cabeça. “Pode ir.”

Eu me lembrei de como a biblioteca era assustadora. Também me lembrei de ter me escondido na sala dos fundos depois da aula e de ter visto aquelas figuras esquisitas enfaixadas.

Não queria ir lá embaixo, mas que escolha eu tinha?

Segui as escadas até o porão. As luzes eram mais fracas ali. As paredes de azulejo estavam desbotadas e empoeiradas.

Dava para ver a tubulação suspensa no teto. Alguns canos estavam cobertos de teias de aranha.

Eu sabia aonde estava indo. Passei pela sala da caldeira. Vazia e silenciosa. Os canos da calefação retorcidos em todas as direções.

Passei por diversas portas fechadas. Meu tênis ficou coberto de poeira. Eu me agachei para passar por uma grossa cortina de teias de aranha.

Então parei na frente de uma porta entreaberta. Escutei um gemido vindo lá de dentro. Parecia um homem sentindo dor.

Será que tinha alguém ali? Precisando de ajuda?

Respirei fundo. Segurei a maçaneta e empurrei a porta.

Dentro da sala havia fileiras de lápides destruídas.

Um cemitério. As lápides pareciam antigas, todas estavam quebradas e tortas, imersas em uma camada grossa de poeira.

Contei seis fileiras de lápides. Umas dez tumbas em cada coluna.

A iluminação era muito fraca ali. O ar gelado tinha cheiro de poeira e de podridão. Como num cemitério.

Um cemitério no porão de uma escola?

Escutei mais um gemido. Um murmúrio grave, de um homem.

Aquele som me deixou arrepiado.

Dei um passo para dentro da sala. Eu pisava em poeira.

Olhei para cima. O teto era muito alto. Um vento suave batia no meu rosto.

De onde aquele som estava vindo?

Eu não estava na rua. Estava no porão. Do lado de dentro. Olhando para aquelas lápides enfileiradas. Quebradas e lascadas. As palavras gravadas nelas pareciam ter sido apagadas lentamente ao longo dos anos.

Lápides antigas.

Fiquei ali parado, olhando sem piscar. Tentando entender.

Então... alguma coisa se mexeu.

Com o canto do olho, vi alguma coisa se movendo perto de uma pedra grande no fim da primeira fileira.

“Ahhhhhhh!!!” Soltei um gemido de pavor e levei as mãos à boca.

Fiquei olhando apavorado enquanto uma mão desbotada aparecia. Sim. Devagar... bem devagar... uma mão pálida se erguia da tumba.

Bati as costas na parede. Tremendo, soltei o ar num suspiro.

Fiquei olhando a mão se erguer e agarrar a parte de cima da lápide. Então, ouvi outro gemido.

Vi a cabeça de um homem sair do chão. Ele era careca e tinha orelhas pontudas, como um personagem de *Jornada nas Estrelas*. Seu rosto era rosado e redondo, e ele tinha vários queixos molengas pendurados.

Sua outra mão agarrou a lápide. E, soltando mais um gemido, ele se levantou.

Era um gordão enorme, vestindo um moletom marrom gigantesco e calça cinza. Ele parou por um segundo para recuperar o fôlego. E então me viu.

Ele piscava, surpreso. Um de seus olhos era azul; o outro, castanho.

Eu ainda estava encostado na parede. Não sabia se podia falar ou não. Minha garganta estava seca e parecia trancada.

“Desculpa se assustei você”, ele disse. Sua voz era suave e distante, como se estivesse vindo das profundezas de sua barriga.

Ele limpou as mãos no moletom. “Tento manter essas pedras conservadas”, ele disse. “Sabe, elas são muito velhas. Dão muito trabalho. Tenho que me agachar.”

Comecei a me recuperar. Pelo menos minhas pernas pararam de tremer. “Você é...”

“Você estava procurando por mim na biblioteca?”, ele perguntou. “Sou o senhor Blister.”

“S-sim”, balbuciei. “A senhorita McVie me mandou aqui, mas...” Olhei para as fileiras de lápides. “O que elas estão fazendo aqui embaixo? Por que estão aqui? Tem mesmo pessoas enterradas debaixo dessas lápides?”

Ele pegou uma pá que estava estirada no chão e cravou a ponta na terra. “Você é novo por aqui, né?”, perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. “Sim. Meu nome é Artie.”

O sr. Blister me olhou dos pés à cabeça. “Bom, Artie, ninguém te contou que essa escola foi construída em cima de um cemitério?”

“N-não”, gaguejei.

Ele confirmou com a cabeça. Seus queixos rolaram para cima e para baixo. “Sim, um cemitério muito antigo. Alguns dos primeiros colonizadores da cidade estão enterrados aqui. E não estão muito felizes.”

Engoli em seco. “Como assim?”

“Bom, é só uma lenda”, ele disse. “Sabe como é. Apenas uma história. Você não precisa acreditar se não quiser.” Ele esfregou a testa rosada com a manga do moletom.

Esperei que continuasse.

“Dizem que os mortos não são fãs de terem construído uma escola em cima

deles”, disse o sr. Blister, suavemente. “Eles prefeririam sentir a brisa fresca da noite e ouvir o canto dos pássaros.”

Ele sacudiu a cabeça. “Mas esse foi o terreno designado para a escola. Ela tinha de ser construída aqui. E o cemitério não podia mudar de lugar — de acordo com a lei.”

Fiquei pensando. “Mas como o senhor sabe que os mortos estão descontentes?”, perguntei.

“Eles me contaram.”

“Como assim?” Engoli em seco mais uma vez. Será que o sr. Blister era totalmente maluco?

“Eles se levantam uma vez por ano. No Dia dos Reerguidos, eles saem de seus túmulos e caminham pela escola, uivando. Todos eles. Apodrecidos e arruinados, com os braços e as pernas caindo aos pedaços, fedendo pra burro. É a vingança deles.”

Esse cara é completamente pirado, pensei. Tenho que pegar os livros e me mandar daqui.

“Quando é o Dia dos Reerguidos?”, perguntei.

Ele deu de ombros. “Ninguém sabe. Pode ser qualquer dia. Até hoje.”

Fiquei olhando para ele. “Você não sabe quando é?”

“Não. É sempre uma surpresa...” Ele parou e se virou na direção das sepulturas. Seus olhos se arregalaram de medo. Seu rosto rosado ficou bem vermelho.

“Ah... ah... ah...”, ele repetia. “Artie, está acontecendo! Olha! Lá vêm eles!”

Apavorado, fiquei olhando freneticamente para as sepulturas.

Mas não os vi. Não vi nada se movendo.

O sr. Blister jogou a cabeça para trás, gargalhando. Tinha uma risada profunda e estrondosa, que balançava sua enorme barriga.

Ele riu até se engasgar. Então foi se jogando na direção da porta.

“Acho que eles não vão se levantar hoje”, disse. E riu um pouco mais.

“Você me pegou”, resmunguei. “Deve contar essa história para assustar todos os novos alunos.”

O sorriso desapareceu de seu rosto. Ele apertou os olhos. “Talvez seja verdade”, murmurou. “Vem comigo.”

Eu o segui enquanto se arrastava pesadamente na direção da biblioteca. Seu corpo enorme ia trombando nas paredes. Sua barriga pulava para cima e para baixo, como uma daquelas bolas de praia grandonas.

A biblioteca era exatamente como eu lembrava, com estantes nas quatro paredes e colunas de prateleiras no meio. O sr. Blister me conduziu até a parede onde ficavam os monitores de tv. Havia uma sala de aula diferente em cada tela.

“De que livro você precisa?”, ele perguntou, coçando os queixos.

“Do livro de ciências para a aula da senhorita McVie”, eu disse. “Preciso de uns três ou quatro.”

“Sem problemas”, ele resmungou.

O sr. Blister abriu uma gaveta e tirou de dentro uma fita métrica. Ele a apertou na mão carnuda. “Chega mais perto, Artie. Preciso tirar suas medidas se você veio pegar esses livros.”

Dei um passo para trás. Isso era muito estranho.

“Não quero que você tire minhas medidas,” eu disse.

Ele me encarou severamente com seu olho castanho e seu olho azul. “Regras da escola”, ele disse, e começou a esticar a fita. “Vem aqui, Artie.”

O pânico enrijeceu todos os músculos do meu corpo. Por que ele queria tirar minhas medidas? Pensei nas crianças enroladas em bandagens na sala dos fundos. E me lembrei do manequim que disse se chamar Artie.

“Não. Sério”, eu disse, dando mais um passo para trás. “Não tire minhas medidas.”

“Regras da escola”, ele insistiu. E se lançou para cima de mim.

O telefone em uma mesa encostada na parede tocou. O sr. Blister se virou para ele e enfiou a fita métrica no bolso da calça. “Fica parado aí”, ele disse.

Ele foi jogando o corpanzil na direção do telefone.

Fiquei ali, congelado. Não sabia o que fazer.

Então, todos os monitores na parede começaram a piscar.

Olhei para eles, espantado. As salas de aula nas telas apareciam e desapareciam. Escutei um ruído bem baixinho, que foi se transformando num zumbido esquisito.

As telas ficaram pretas. Depois brancas. Depois pretas mais uma vez.

E foi então que, totalmente apavorado, vi quatro palavras aparecerem. Quatro palavras em letras vermelhas bem escuras, em cada um dos monitores...

SAI DAÍ, ARTIE... AGORA!

Fiquei em estado de choque ao ver aquelas palavras vermelhas ameaçadoras. Quem estava me mandando uma mensagem?

Olhei para a mesa. O sr. Blister estava de costas, com o telefone grudado na orelha pontuda.

Será que eu deveria esperar pelos livros? Ou seguir o conselho dos monitores?

Não precisei de muito tempo para decidir. Fiquei de olho no sr. Blister e dei alguns passos para trás. Então, eu me virei e saí correndo.

Tinha certeza de que ele não me alcançaria. O sr. Blister era muito grande e muito lento para correr atrás de mim.

Meus pés levantavam poeira quando tocavam o piso de cimento. Atravessei o corredor a toda a velocidade. Passei pelo cemitério com suas lápides antigas destroçadas e continuei correndo.

As palavras vermelhas em todos aqueles monitores ficaram na minha cabeça:

SAI DAÍ, ARTIE... AGORA!

Quem teria me alertado? Quem sabia que eu estava na biblioteca?

Que tipo de perigo eu estava correndo?

Meu cérebro se revirava dentro da minha cabeça. Eu sabia que tinha que pensar em alguma desculpa para a srta. McVie. Tinha que pensar em um bom motivo para não ter pego os livros.

Estava sem fôlego quando cheguei à escada no fim do corredor. Meu peito doía.

Parei para me recuperar. E foi aí que vi uma coisa que mudou tudo.

Levantei a mão para limpar o suor da testa e então vi aquilo que me deixou em estado de choque.

Uma marca de queimadura vermelha na palma da minha mão.

A marca que fiz ao me segurar na tubulação de vapor no corredor do porão.

Só que eu não tinha me segurado na tubulação. Não tinha me queimado *hoje*.

Eu tinha me queimado na *primeira vez* que desci para a biblioteca — no meu sonho.

Fiquei paralisado, olhando para a mão em estado de choque. O que isso significava?

Ninguém fica com uma marca de queimadura por causa de um sonho.

A queimadura era real. Encostei um dedo nela e doeu.

Então, o que significava?

Significava que não tinha sido um sonho. Não tinha sido um sonho. Não tinha sido um sonho. Não tinha sido um sonho.

Tinha acontecido de verdade.

Aquele primeiro dia na Escola Fundamental Ardmore tinha sido real.

E lá estava eu, de volta ao primeiro dia de aula. Estava mesmo acontecendo — pela segunda vez. Eu estava vivendo de novo o mesmo dia.

Só que dessa vez era muito mais assustador e perigoso.

Meu primeiro dia de aula tinha sido o pior dia da minha vida. E vivê-lo pela segunda vez estava sendo ainda mais terrível.

Ouvi o sinal tocar. Era hora do almoço. O barulho me fez dar um pulo. Tive que abaixar a mão, mas ainda podia ver a marca de queimadura vermelha como se tivesse sido impressa nos meus olhos.

Eu sabia que se fosse para o refeitório eu derrubaria minha bandeja e bateria a cabeça na de Shelly. E sabia que isso desencadearia os eventos que acabariam com Brick quebrando a perna. E sabia que a escola inteira me odiaria.

Não podia deixar acontecer de novo. Mas, enquanto eu me arrastava escada acima, uma pergunta se repetia na minha cabeça:

Existe algum jeito de evitar isso?

Decidi pular o almoço. Isso com certeza mudaria o dia.

Subi as escadas. Os alunos se aglomeravam no corredor. A maioria deles estava indo para o refeitório.

Corri para a sala da srta. McVie para pegar minha mochila. Dei uma espiada na sala antes de entrar. Por sorte, a professora não estava mais lá.

Peguei a mochila e caminhei em direção ao refeitório. Vi Brick e seu amigo Darnell na fila da comida.

Do lado de fora, havia uma enorme pilha de mochilas. Imaginei que era o que todos faziam na hora do almoço. Deixavam as mochilas do lado de fora do refeitório.

Joguei a minha na pilha, mas não entrei na fila da comida. Eu sabia o que aconteceria se fizesse isso. Então abri a porta dos fundos e saí para a rua.

O sol tinha desaparecido atrás das nuvens. Uma brisa gelada me saudava à medida que eu ia caminhando em direção ao playground. Era bom sentir o vento no meu rosto quente.

Meu estômago roncava.

Claro que eu estava com fome. Mas sabia que estava fazendo a coisa certa. Eu tinha que mudar aquela tarde, e tinha que começar pelo almoço.

Caminhei pela grama e me sentei em um balanço. Segurei as correntes, mas não balancei. Era muito pequeno, e eu queria pensar.

Parecia bem tranquilo lá fora. Escutei um carro buzinar ao longe. Escutei o rugido manso de um cortador de grama do outro lado da rua.

Fechei os olhos e comecei a pensar. O que estava acontecendo comigo exatamente? O que eu poderia fazer a respeito?

Eu era bom em fazer perguntas, mas será que tinha as respostas? Sem chance.

Quando abri os olhos, Shelly estava sentada no balanço ao meu lado. Ela tinha ajeitado o cabelo de modo a cobrir o galo na testa. Mas eu ainda conseguia ver o vermelhão no queixo dela.

“Manhã difícil?”, ela perguntou.

Balancei a cabeça. “Pois é. Dá pra dizer que sim.”

Ela abriu um saco de papel e tirou um sanduíche de dentro. “Manteiga de amendoim sem geleia. Quer metade?”

Peguei o pedaço que ela me ofereceu. “Obrigado.”

“O primeiro dia de aula numa escola nova é sempre o fim”, ela disse.

“Não é o meu primeiro dia”, eu disse. Minha voz saiu tremida. Shelly era a única pessoa da escola que tinha sido legal comigo. Eu tinha que falar para alguém o que estava acontecendo. Decidi contar tudo.

“É o meu *segundo* primeiro dia. Eu já tive um primeiro dia. Eu... não sei por que, mas estou vivendo tudo de novo.”

“Ah, tá”, ela disse.

“Não, tô falando sério. Não é uma piada. Não consigo entender. Quer dizer, é assustador. Esse dia já aconteceu uma vez e...”

“Artie, você é engraçado”, ela disse.

Uma rajada de vento derrubou o saco de papel do colo dela. Nós nos abaixamos para pegá-lo — e batemos a cabeça.

“Ai!”, ela berrou, afastando-se do balanço. “Você é perigoso!”, disse enquanto passava a mão na cabeça.

“Desculpa”, murmurei. Então explodi, de repente: “Você me odeia, né?”.

Ela só ficou me olhando, sem falar nada. “O sinal já vai tocar. A gente se vê depois. Vê se fica a pelo menos um metro de distância de mim, tá?”

Antes que eu pudesse responder, ela já tinha se virado e começado a correr pelo gramado em direção à escola. Seu cabelo preto voava enquanto ela corria.

“Nessa eu mandei bem”, pensei. Fiquei mais um tempo sentado ali. Não consegui pensar em nada útil, até porque fiquei a maior parte do tempo pensando em Shelly. Acho que eu já estava bem caidinho por ela.

No fim, caminhei de volta até a escola. Eu estava muito nervoso. Sabia que tinha que tomar muito cuidado com tudo o que fazia.

Tirei minha mochila da pilha e pendurei nos ombros. Vi o banheiro dos meninos do outro lado do corredor. Abri a porta e dei um passo para dentro.

A luz era tão forte que meus olhos demoraram alguns segundos até se acostumar.

E foi então que começaram os gritos.

A cabeça de uma garota saiu de uma das cabines. “Tarado!”, ela gritou. “Seu tarado! O que você está fazendo no banheiro das meninas?”

Eu tinha me esquecido totalmente disso. Estava tão ocupado pensando em Shelly e Brick que esqueci que tinha entrado no banheiro das meninas.

Como é que eu tinha feito uma coisa tão estúpida?

“Desculpa”, murmurei.

Uma garota arremessou um rolo de papel higiênico. *Bóóóinnng*. Bateu bem na minha testa.

“Desculpa”, repeti.

Saí do banheiro caminhando de costas — e pisei no pé do sr. Jenks. O diretor deu um berro quando meu calcanhar atingiu seu dedão.

“Desculpa. Foi um acidente”, eu disse.

Ele apertou os olhos para mim. “Você acabou de sair do banheiro das meninas?”

“Foi um acidente. De verdade.”

“Cuidado, Artie. Tenha muito cuidado”, disse o sr. Jenks. Ele esticou o braço e pegou uma mosca que estava voando sobre sua cabeça. Seu punho ficou fechado, com força.

Então ele abriu a mão para me mostrar a mosca esmagada. “Cuidado, Artie. Cuidado”, ele repetia. O sr. Jenks segurou a mosca a centímetros do meu rosto. “Tenha muito cuidado.” Então se virou e saiu pisando forte.

Bizarro, pensei. *Esse cara é definitivamente bizarro.*

O sinal soou uma segunda vez. Eu estava atrasado para a aula. Subi apressado e entrei correndo na sala da srta. McVie.

Ela estava de costas, escrevendo um problema de matemática na lousa.

Shelly não levantou a cabeça quando passei por ela em direção ao meu lugar perto da janela.

Sentei e abri a mochila para pegar o caderno de matemática. Coloquei a mão lá dentro e tirei... uma cueca.

Ah, não. A mochila errada de novo.

Fiquei segurando a cueca na minha frente, mas então me lembrei do que tinha feito da outra vez. Eu tinha gritado “Ei, isso não é meu!” e todo mundo na sala tinha se virado na minha direção e começado a rir.

Dessa vez eu seria mais esperto. Ia conter minha surpresa.

Não disse uma palavra.

Mas ouvi a voz da srta. McVie. “Artie, o que é isso? Uma cueca?”

“Não é minha!”, gritei.

A turma inteira caiu na gargalhada.

“Por que você trouxe isso para a sala?”

Mais gargalhadas.

Eu me virei procurando Brick. Assim como da outra vez, lá estava ele, parado na minha frente, olhando furiosamente enquanto eu segurava a cueca.

“Você está metido numa tremenda enrascada, cara. Dá isso aqui”, ele disse, por entre os dentes cerrados. “Agora!”

Tentei jogar para ele, mas usei força demais.

E a cueca caiu pela janela.

“Ah, nããããã!” gritei.

Não sei por que fiz aquilo. Na verdade, nem pensei muito.

Eu me joguei atrás da cueca. Berrando feito um louco, lá fui eu voando janela afora — *de novo*.

Eu caía depressa... mergulhando em direção ao chão... tão rápido que meus gritos pareciam flutuar no ar, bem atrás de mim.

Dessa vez, não caí na cerca viva.

PRIMEIRO DIA

Acordei na cama.

O despertador tocou. O barulho me assustou, e eu caí. Minha cabeça bateu no chão. A dor me fez piscar com força.

Não. Espera aí, pensei. Espera aí.

Não me mexi. Fiquei ali parado, deitado no chão, de bruços, com os olhos fechados.

Não posso estar em casa de novo. O dia ainda não acabou.

A tarde não chegou ao fim. Não quebrei a perna de Brick. Darnell e outros jogadores de futebol americano enfurecidos não me perseguiram até a biblioteca.

Abri os olhos. Mamãe entrou no quarto. “Artie, você dormiu no chão?”

“Não”, resmunguei, e me levantei. “Caí da cama de novo.”

Ela me olhou com desconfiança. “De novo? Você já tinha caído da cama alguma vez?”

“Hã... sim”, eu disse. Tirei o pijama e cocei a cabeça. “Mamãe, posso falar com você? Sobre uma coisa bem séria?”

Ela deu uma olhada no relógio sobre a mesa de cabeceira. “Tudo bem, se não for demorar. Você não vai querer chegar atrasado no primeiro dia de aula.” Ela começou a juntar as roupas sujas que estavam no chão.

“Mamãe, hoje não é o primeiro dia de aula”, eu disse, entregando a ela uma calça jeans que eu havia enrolado como uma bola e enfiado embaixo da cama.

Ela se virou para mim. “É, sim. É claro que hoje é o primeiro dia.”

Suspirei. “Mamãe é o terceiro dia de aula”, eu disse. “Quer dizer, é o terceiro primeiro dia.”

Ela colocou a mão na minha testa. “Você está se sentindo bem?”

“Mamãe, por favor!”, implorei. “Você tem que me escutar. Eu não estou doente e não sou maluco. Mas alguma coisa muito esquisita está acontecendo comigo.”

“Não precisa gritar”, ela disse. “Artie, você é tão exagerado. O que foi? Vá em frente, estou escutando.” Ela virou a pilha de roupas que segurava de cabeça para baixo.

“Estou preso no tempo ou algo assim”, eu disse, pronunciando cada palavra bem devagar e com clareza. “Estou revivendo o mesmo dia — o primeiro dia de aula — todos os dias.”

Mamãe retorceu o rosto. “Acho que não, Artie. Se isso fosse verdade, eu lembraria. Você não acha?”

“Bom, não...”, comecei.

Mamãe inclinou a cabeça. “Revivendo o mesmo dia todos os dias? Nós não vimos esse filme juntos uma vez?”

Deixei escapar um suspiro de frustração. “Mamãe, não é um filme. É a minha

vida!”

“Artie, respire fundo”, ela disse.

Eu odiava quando ela dizia isso. E ela dizia bastante.

“Isso acontece às pessoas o tempo todo”, mamãe continuou. “Chama-se *déjà-vu*. Você acha que uma coisa já aconteceu com você, mas não aconteceu.”

Ela deu um tapinha no meu ombro. “Você sabe do que isso se trata, Artie. É seu primeiro dia de aula numa escola nova, e você está muito nervoso.”

Respirei fundo, como ela me falou. Então eu disse: “Mamãe, vou provar que já estive naquela escola”.

Estendi a mão e mostrei a queimadura a ela. “Tá vendo? Queimei minha mão na tubulação de vapor no porão da escola. Foi no *primeiro* primeiro dia.”

Mamãe segurou a pilha de roupas debaixo de um braço. Ela pegou minha mão e a examinou. “Que queimadura?”, perguntou.

Puxei a mão de volta e procurei. Tinha *sumido*. Minha pele estava perfeitamente macia.

“Você está nervoso por causa da nova escola”, disse mamãe. “E porque tem dentista depois da aula.”

Ela se virou e começou a ir em direção ao corredor. “Não demore. Desça para tomar café da manhã. Eddy já está lá.”

“Mamãe, espera...”, corri atrás dela. “Só me dá uma chance de provar. Eu vou dizer tudo o que vai acontecer, tá? Se eu conseguir prever tudo, você vai acreditar que já vivi esse dia uma vez?”

“Se você conseguir prever tudo?”, perguntou mamãe. “Claro. Vamos lá. Eu vou acreditar em você.” Ela se virou, parada na porta. “Só mais uma coisa... Você assistiu a algum filme de ficção científica antes de dormir ontem à noite?”

Suspirei de novo. “Mamãe, isso não tem nada a ver com ficção científica. Está realmente acontecendo comigo. Você vai ver.”

Ela desceu as escadas com a roupa suja. Eu já sabia o que vestir. Já tinha usado a mesma roupa duas vezes.

Vi meu celular em cima da escrivaninha. Eu sabia que se colocasse o carregador na tomada ia tomar um tremendo choque. Então, simplesmente o ignorei naquela manhã.

Coloquei a camiseta e o jeans e desci as escadas correndo. Meu coração estava acelerado. Perdi um pouco o fôlego.

Estava ansioso para provar o que estava acontecendo. Tinha a sensação de que se mamãe acreditasse em mim talvez ela pudesse fazer aquilo parar.

Como eu já sabia, papai tinha saído para o trabalho. Wowser estava no lugar de sempre, embaixo da mesa. E Eddy já estava sentado, devorando uma pilha de panquecas quentinhas.

“Bom dia, porquinho”, eu disse.

Ele arrotou em resposta. Eu sabia que faria isso.

Mamãe estava servindo uma xícara de café.

“Mamãe, o que vai acontecer é o seguinte: vou me sentar na frente de Eddy. Ele vai derrubar o copo de suco de laranja. Então nós dois vamos tentar pegar a calda ao mesmo tempo. E ele vai espirrar tudo no meu cabelo e na minha camiseta.”

Mamãe franziu a testa.

“Fica olhando”, eu disse. “Pode confiar em mim.”

Caminhei em direção à mesa e comecei a me posicionar na frente de Eddy, mas parei no meio do caminho. Dei uma olhada no prato de Eddy, e ele não estava comendo panqueca.

“Mamãe?”, eu chamei. “Onde estão as panquecas?”

“Não vamos comer panquecas”, ela disse. “Fiz ovos mexidos.”

O quê?

Perdi a respiração. Tudo começou a girar. “Nós comemos panquecas ontem?”, perguntei.

Ela balançou a cabeça. “Ontem comemos cereal.”

Sentei na cadeira. Mamãe colocou os ovos mexidos no meu prato. Olhei para Eddy. Estava na hora de ele derrubar o suco de laranja, mas...

Eddy estava bebendo leite. Ele pegou o copo e tomou tudo em um só gole. Depois, mostrou a língua branca para mim.

“Posso botar ketchup nos ovos?”, ele perguntou.

Mamãe levou o ketchup até a mesa. Ela começou a colocar nos ovos de Eddy, mas ele pegou a embalagem. “Não! Eu quero botar!”

“Tudo bem”, ela disse. Mamãe se virou e saiu da cozinha.

Eddy pegou o ketchup. Vi o sorriso maligno no rosto dele. Mas não tive tempo de fazer nada. Ele apertou a embalagem com força e lançou uma enorme bolha no meu rosto.

O ketchup escorreu pela minha testa, pelas minhas bochechas e começou a pingar na camiseta. “Aaaaaahhh!”, urrei de raiva.

Mamãe voltou correndo. “Qual é o problema?”

Ela arregalou os olhos quando me viu. “Artie... você está sangrando! Você está sangrando!”

Eddy jogou a cabeça para trás e começou a rir como um idiota.

“É ketchup, mamãe,” resmunguei. “Ele esguichou em mim.”

Mamãe olhou para o relógio. “Vá trocar de camiseta. Você tem que levar Eddy até a escolinha. Vou prender Wowser no quintal.”

“Vê se prende bem”, eu disse. “Ele não pode arrancar o bolso do paletó do sr. Jenks.”

Mamãe me olhou com estranheza. “Do que você está falando? Não faz o menor sentido. Tem certeza de que está tudo bem?”

“Eu estou bem. Mas você tem certeza de que hoje é o primeiro dia de aula?”

Ela revirou os olhos. “Sim, tenho certeza, Artie. Por favor, não me pergunte de novo. Vamos lá, depressa. Troque de roupa.”

Corri escada acima e lavei o rosto para tirar o ketchup. Depois troquei de camiseta. Era tudo muito perturbador. Ainda era o primeiro dia de aula, mas as coisas estavam diferentes.

Eu continuava preso no mesmo dia, mas não tinha como provar para mamãe.

Isso queria dizer que o dia inteiro seria diferente? Será que meu primeiro dia na Escola Fundamental Ardemorre seria melhor?

Eddy e eu saímos de casa. Tinha chovido na noite anterior. Como nas outras vezes,

ele saltava em todas as poças como um chimpanzé, levantando ondas de água gelada.

Quando chegamos à esquina em frente à escolinha, senti um frio na barriga. Eu sabia o que ia acontecer. O enorme caminhão-tanque prateado viria em nossa direção e molharia minha calça.

Dei uma olhada e vi o caminhão fazendo a curva a alguns quarteirões de distância.

Peguei Eddy pelos ombros. “Sai daí!”, gritei. “Vem pra cá!”

“Não!”, ele berrou. Eddy retorceu o corpo e se livrou das minhas mãos, afastando-se de mim.

O caminhão buzina à medida que ia se aproximando.

O barulho do motor estava cada vez mais perto. Consegui ler o que estava escrito na lateral do tanque.

Espera aí! Não estava escrito GASOLINA.

As letras grandes e pretas na lateral prateada diziam ÓLEO DE GAMBÁ.

“Eddy... SAI DAÍ!”, berrei.

Tarde demais. O caminhão passou por cima de um calombo. Vi uma tampa de metal da parte de cima do tanque voar.

Uma onda enorme de um líquido amarelo-escuro saiu de lá.

E caiu bem em cima de mim. Fiquei encharcado.

O caminhão seguiu adiante. Meu corpo inteiro tremia. Eu me sacudi para tentar tirar o líquido. Escorria por meu cabelo, meu rosto...

Levou alguns segundos até que o cheiro chegasse ao meu nariz. Quando finalmente senti, engasguei... e comecei a vomitar.

“Argh, você está fedendo!”, Eddy gritou, prendendo a respiração e dançando à minha volta. “Você está fedendo!”

Era o cheiro mais azedo, nauseabundo, retorcido de tripa e embrulhador de estômago que eu já tinha sentido.

Caí de joelhos na grama molhada. Tentei segurar a respiração, mas não adiantava.

Aquele cheiro estava dentro de mim!

“Artie, você está bem? Você está bem?” A voz do Eddy soava muito distante.

“Não”, consegui dizer.

E tudo ficou escuro.

PRIMEIRO DIA

Abri os olhos e pisquei algumas vezes. Fiquei observando o papel de parede verde e branco no teto.

Estava de volta à minha cama. De volta ao meu quarto.

Então comecei a me cheirar. Estava tudo bem. Eu não fedia a óleo de gambá.

O despertador tocou. Eu me assustei e caí da cama.

De novo, não!

“O que está acontecendo?”, disse baixinho para mim mesmo. “Da última vez nem consegui chegar à escola.”

Antes que pudesse ficar de pé, mamãe entrou no quarto. “Artie, você está falando sozinho?”, ela perguntou.

“Sim”, eu disse.

“Por quê?”

“Porque não tem mais ninguém aqui.” Fiquei de pé. “Mamãe, que dia é hoje? Por favor, não me diga que é segunda-feira.”

Ela franziu a testa. “Você sabe que dia é hoje. É o primeiro dia de aula.”

Dei um gemido.

Ela começou a juntar a roupa suja do chão. “Agora se vista, Artie. Acho que você vai gostar da nova escola.”

“Acho que não”, murmurei. “Mesmo...”

Não consegui terminar a frase. Alguma coisa esquisita aconteceu.

A imagem do quarto começou a tremular e piscar. Todas as cores giravam à minha volta, tão rápido que eu não conseguia ver nada. Era como se eu estivesse no meio de um furacão.

Quando as cores se normalizaram, soltei a respiração e olhei em volta. Eu não estava mais no meu quarto. Estava na rua. Vi uns garotos subindo apressados um lance íngreme de uma escadaria de pedras.

Escola. Eu estava parado em frente à Escola Fundamental Ardmore, olhando para o homem de terno marrom no topo da escada que cumprimentava todos na porta de entrada. O sr. Jenks.

Eu tinha pulado o café da manhã. Tinha pulado o caminho até a escolinha de Eddy. Tinha pulado o caminhão-tanque.

Como isso tinha acontecido?

Ainda era o primeiro dia de aula, mas eu tinha perdido cerca de uma hora da minha vida.

Sacudi a cabeça, na tentativa de clarear os pensamentos. Vi dois garotos jogando uma bola de beisebol de um lado para o outro na ponta da escada.

Arrumei o boné na cabeça. Então subi a escada em direção à entrada da escola.

“Bem-vindo a Ardmore”, disse o sr. Jenks. Ele me abriu um sorriso caloroso e

apertou minha mão. Notei que tinha um pequeno broche em forma de bandeira na lapela do paletó marrom.

“Você precisa descobrir qual é a sua turma”, ele disse. “As listas estão penduradas na parede em frente à minha sala.”

Eu sei. Eu sei.

Um dos garotos deixou a bola de beisebol escapar. Ela bateu em um degrau e quicou escada acima. Uma garota pegou a bola e jogou de volta para eles.

“Cuidado aí embaixo”, avisou o sr. Jenks. “Vocês não vão querer acertar alguém.”

Passei por ele e comecei a entrar na escola, mas o diretor colocou a mão no meu ombro para me impedir de continuar.

“Artie, sinto muito”, ele disse. “Não permitimos bonés nesta escola. Será que você poderia tirar o seu e deixar comigo?”

“Hã... claro”, eu disse. Puxei o boné com força. Meu cabelo não estava colado com calda? Não. Entreguei-o ao sr. Jenks.

Para minha surpresa, ele virou o boné de cabeça para baixo e cuspiu nele. Depois o segurou com as duas mãos — e o rasgou ao meio.

O diretor me entregou de volta os dois pedaços de boné com aquele mesmo sorriso no rosto. “Quem é a lei, Artie? Quem é a lei? Eu sou a lei!” Ele golpeou o ar com o punho fechado.

“Tá, tanto faz”, sussurrei.

Segurando as duas metades do boné, entrei na escola. Vi a multidão de alunos agrupados no corredor, ansiosos para encontrar seu nome nas listas de chamada.

Mas, antes que eu pudesse dar um passo na direção deles, escutei gritos vindos da escadaria da entrada. Escutei um cachorro latindo.

Claro que eu sabia o que estava acontecendo. Era o retorno de Wowser!

Eu me virei para a entrada da escola bem na hora que a gritaria começou. Eram os gritos mais horríveis e dolorosos que eu já tinha ouvido.

Tive vontade de tapar os ouvidos.

Levou algum tempo até que eu entendesse que era o sr. Jenks quem urrava como um bicho.

Então vi Wowser. E vi a mão entre seus dentes, balançando, pendurada.

Apenas uma mão.

Levantei os olhos e encontrei o sr. Jenks berrando e se contorcendo. Ele estava com o braço erguido à frente, e dava para ver que só tinha um cotoco na ponta.

Ele mexia aquele cotoco para tudo que era lado e berrava: “MINHA MÃO! O CACHORRO ARRANCOU MINHA MÃO!”.

Saí correndo porta afora e tentei pegar Wowser, mas o cachorro me driblou. Tive que ficar de joelhos para não cair escada abaixo.

Wowser desceu as escadas correndo, deixou para trás alguns garotos gritando e desapareceu rua abaixo, correndo a toda a velocidade. Eu conseguia ver a mão do sr. Jenks pendurada na boca do cachorro.

O diretor saiu correndo atrás dele, gritando: “Devolve a minha mão! Devolve! Devolve a minha mão!”.

Não é uma boa maneira de começar o primeiro dia em uma nova escola.

Fechei os olhos com força. Será que conseguiria acordar na minha cama mais uma vez? Será que poderia fazer tudo de novo?

Abri os olhos lentamente. Não. Eu ainda estava na entrada da escola.

Eu sabia que estava metido numa grande encrenca. Sabia que seria chamado na sala do diretor em breve.

Mas decidi seguir adiante. Eu tinha que ir até o fim do meu primeiro dia de aula. Era a única maneira de talvez... quem sabe... chegar ao *segundo* dia de aula.

Então fui em direção aos garotos que estavam examinando as listas penduradas na parede. Vi Brick, Darnell e o outro amigo deles, aquele garoto com o cabelo espetado. Comecei a abrir caminho até as listas na base do empurrão — e então ouvi um grito.

“Cuidado!”

Eu me virei a tempo de ver a bola de beisebol voando pelo corredor.

Sabia que ia atingir Brick na parte de trás da cabeça. Tentei pará-la. Estiquei o braço para pegá-la, mas não consegui.

A bola passou por mim como um foguete — e acertou em cheio a cabeça dele!

O corredor se encheu de suspiros, lamentos e berros de horror.

A bola atravessou o crânio dele e saiu do outro lado. Brick ficou ali, paralisado, com um buraco na cabeça. Um buraco do tamanho de uma bola de beisebol.

Tapei os ouvidos para não ouvir os berros e os urros dos garotos e fiquei olhando para o buraco na parte de trás da cabeça de Brick.

Ele se virou lentamente. Seus olhos estavam tomados de fúria. Seu maxilar tremia. Brick ergueu uma das mãos e tocou o buraco na testa. Ele apertou os olhos e se voltou para mim. “Foi você quem jogou aquela bola?”

“N-não”, balbuciei. “Eu...”

Ele apontou um dedo para mim. Seus olhos reviraram enlouquecidos. Sua boca abria e fechava sem parar. “Você já viu *A vingança do homem com um buraco na cabeça?*”, ele perguntou.

“Hã... não”, respondi, quase sem ar.

“Então vai ver agora!”, ele urrou.

Brick ficou me encarando por muito tempo. Seus amigos me encaravam também. Então ele se virou e todos foram embora marchando pelo corredor.

Eu me recostei na parede e fiquei olhando para eles. Dava para ver *através* da cabeça de Brick.

O que estava acontecendo?

Certo, certo — eu estava vivendo o primeiro dia de aula de novo mais uma vez.

Mas por que tudo tinha se transformado de repente num *filme de terror*?

Tomei o cuidado de não entrar na sala errada. Fui até a porta que eu sabia ser da sala da srta. McVie e parei na entrada.

“Tenho que fazer tudo diferente”, disse a mim mesmo. “Tenho que assumir o controle.”

Entrei na sala. Shelly sorriu para mim, sentada na primeira fila. Eu disse à srta. McVie quem era.

“Artie, pegue aquela carteira ao lado da janela”, ela disse, apontando.

Olhei para a janela aberta. Vi o pote de vidro no parapeito. E vi o escorpião batendo no vidro com uma de suas garras.

Caminhei até a janela, mas não me sentei na carteira. Abri cuidadosamente a tampa do pote de vidro e o recoloquei no parapeito.

“Artie, o que você está fazendo?”, a professora quis saber. Todo mundo olhou para mim.

“Sei que você não vai acreditar em mim”, eu disse, “mas já estive nessa turma antes. Mais de uma vez. E sempre derrubei o escorpião da janela por acidente.”

A professora deu alguns passos na minha direção. “Por favor... coloque a tampa de volta, Artie. É uma criatura muito rara.”

“Não quero mais ter nenhum acidente”, eu disse. Enfiei a mão dentro do pote e tirei o bicho lá de dentro.

“Artie! Pare!”, gritou a srta. McVie. “O que você vai fazer?”

“Tenho que fazer alguma coisa diferente”, eu disse. “Para mudar o dia.”

Levantei o escorpião. Puxei meu braço para trás. E me preparei para arremessá-lo pela janela.

“Nããããão!” Eu ouvia berros e gritos à minha volta.

Eles não estavam entendendo. Não sabiam como isso era importante para mim.

Girei o braço — e levei um susto quando o escorpião apertou meu nariz com uma das garras.

Puxei com força, mas ele estava preso a mim. Sua garra segurava meu nariz.

“Ei!”, dei um grito de susto.

Como é que isso tinha acontecido?

O escorpião tinha beliscado com força. A dor desceu pelo meu rosto e se espalhou por todo o corpo. Abri a mão para soltar o bicho, mas ele continuou pendurado no meu nariz, balançando o corpo de um lado para o outro.

Enquanto eu urrava de dor, o escorpião começou a aumentar de tamanho.

Eu o segurei pelo corpo e comecei a puxar com força. Dava para sentir o bicho crescendo na minha mão. O escorpião inflou rapidamente, como se fosse um balão.

“Socorro! Alguém me ajuda!” Meus gritos saíam abafados pelo corpo enorme da criatura, que não parava de crescer.

Suas garras já eram maiores do que meus braços! E ele não soltava meu nariz.

Caí de costas no chão, tentando tirar aquela coisa pesada de cima de mim enquanto me contorcia de dor.

Ele pesava uma tonelada e era maior que um cão dinamarquês.

“Ahhhh!!! Socorro!”

Então, o escorpião fez um movimento com sua garra gigantesca e arrancou meu nariz.

Eu não conseguia respirar. Aquele monstro enorme estava me esmagando com seu tremendo peso... me esmagando...

Até ficar tudo escuro.

Quando a escuridão se dissipou, eu estava parado no corredor, em frente ao meu armário.

O lugar estava abarrotado de crianças. Portas de armários batiam. Todo mundo estava rindo e gritando.

Será que era hora do recreio? Ou a aula tinha acabado? Como fui parar ali?

Coloquei a mão no nariz. Ele estava perfeito. Mas aquilo não fazia o menor sentido.

Nem tive tempo de pensar a respeito. Darnell vinha pelo corredor a toda a velocidade, acompanhado por um pelotão de caras enfurecidos.

“Lá está ele!”, gritou, apontando para mim. “Lá está o cara que fez um buraco na cabeça de Brick! Pega!”

Alguns dos garotos gritaram e se encolheram para sair do caminho quando eles foram correndo para cima de mim.

Fiquei paralisado por um segundo. Ainda estava pensando no escorpião gigante.

Finalmente entrei em ação: eu me virei e corri. Um grupo de líderes de torcida bloqueava o caminho. Abaixei a cabeça e me enfiei entre elas.

“Não deixem esse moleque escapar!”, Darnell urrava.

Meus pés castigavam o piso de concreto. Meu coração batia loucamente enquanto eu corria.

Cheguei até as escadas e olhei para baixo. Eu conseguia ouvir os passos e os gritos de raiva se aproximando de mim.

Segurei no corrimão de metal e corri escada abaixo, descendo dois degraus de cada vez. Será que conseguiria encontrar um esconderijo no porão? Eu precisava conseguir.

As luzes eram mais fracas e o ar era mais úmido ali. Os canos da tubulação vibravam suavemente no teto. As teias de aranha refletiam uma luz amarela fantasmagórica.

Mergulhei no corredor estreito. Passei pelas portas escuras e fechadas. Meus pés levantavam poeira, o que me fez tossir e engasgar. Mas continuei correndo.

Entre no cemitério. Eu poderia me esconder ali. Passei os olhos pelas sepulturas antigas, destruídas e arruinadas.

Duas delas estavam encostadas uma na outra. Eu me enfiei atrás delas e me agachei.

Escutei os jogadores de futebol americano passando correndo. Eles nem diminuíram a velocidade.

Segurei uma das lápides com as mãos e fiquei ali, respirando pesado. Encolhido atrás de uma delas, encostei meu rosto quente contra a pedra gelada.

E agora? Pra onde eu corro?

Escutei um gemido bem baixinho.

Soltei a lápide, assustado.

Outro gemido, agora mais demorado. Então comecei a ouvir uivos e lamúrias ao meu redor.

Fiquei em pé. Passei os olhos pela fileira de lápides despedaçadas.

Vi uma mão se erguendo por trás de uma pedra lá no fundo. Ela subia lentamente, sacudindo a poeira.

“Senhor Blister?”, chamei. “É o senhor? Está trabalhando aqui?”

A única resposta foi um longo uivo, um gemido animal de dor.

Então outra mão brotou do chão, bem ao meu lado.

Tropecei. Mais mãos começaram a sair do chão. Uma dúzia delas. Não... mais ainda. Braços inteiros saindo do chão.

Então vi um rosto medonho e putrefato. Uma caveira com uns pedaços de carne pendurados nela.

Os uivos e gemidos ficaram mais altos. Tapei meus ouvidos e saí cambaleando em direção à porta.

Vi horrorizado os cadáveres se levantarem do chão. Eram basicamente esqueletos com nacos de pele e trapos pendurados.

Eles se sacudiam. O braço de um caiu e fez um barulho seco quando bateu no chão. Outro cadáver segurava sua cabeça na altura da cintura com as duas mãos.

“Nããããão!”

Deixei escapar esse grito quando aqueles seres aterrorizantes começaram a ir na minha direção. Eles se moviam lentamente, com o corpo todo endurecido, e suas bocas desdentadas produziam gemidos e rosnados.

Eu me virei e saí correndo porta afora.

Seus ossos trincavam, estalavam e chacoalhavam quando eles vieram cambaleando na minha direção.

Abaixei a cabeça e corri pelo porão empoeirado. O corredor fazia uma curva, e eu continuei correndo. Os gemidos dos mortos-vivos ecoavam nos meus ouvidos.

O Dia dos Reerguidos.

É o Dia dos Reerguidos.

Vi a biblioteca no fim do corredor.

Onde tinham ido parar os jogadores de futebol americano? Será que esperavam por mim ali?

Pouco me importava. Eu tinha que fugir dos cadáveres uivantes que estavam atrás de mim.

Entrei voando na biblioteca. Passei os olhos pelas estantes e prateleiras. “Senhor Blister?”, chamei, sem fôlego.

Nenhum sinal dele.

Todos os monitores na parede estavam desligados.

Eu sabia onde queria me esconder — no quatinho que ficava nos fundos. Talvez estivesse a salvo ali. Talvez ninguém fosse me procurar no meio de todas aquelas estantes imensas.

Tentando recuperar o fôlego, fui me apoiando nas estantes até chegar à parede dos fundos. Encontrei a porta para o quatinho e a abri.

Corri para dentro e fechei a porta atrás de mim. Tateei a parede até encontrar o

interruptor.

A luz do teto acendeu. Ainda lutando para recuperar o fôlego, eu me virei e dei de cara com os bonecos que lotavam o quartinho. Eles tinham mais ou menos a minha altura e estavam enrolados com bandagens.

Eram estátuas? Manequins?

Escutei gemidos e uivos do outro lado da porta. Será que os cadáveres sabiam que eu estava aqui?

Congelei de medo. Se abrissem aquela porta, eu estaria encurralado.

Tive de me espremer no meio dos manequins. Eu poderia me esconder ali.

Estiquei os braços para abrir caminho entre dois deles, e um começou a falar:

“Eu sou o Artie. Eu sou o Artie.”

Pulei para trás de susto.

A bandagem da cabeça do manequim começou a se mover.

“Eu sou o Artie. Eu sou o Artie. Quem é você? Eu sou o Artie!”

Quando se desprende por completo, vi o rosto na minha frente — era o meu rosto!

Ele tinha meu rosto e minha voz. “Eu sou o Artie. Eu sou o Artie. Eu sou o Artie.”

“Nããããão!”

Fui incapaz de segurar o grito.

Enquanto isso, a bandagem dos outros manequins também caiu.

E todos se pareciam comigo.

Eu me encostei na porta e fiquei olhando apavorado para a sala cheia de Arties.

“Eu sou o Artie. Quem é você? Eu sou o Artie”, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Em pânico, abri a porta. Eu tinha que sair dali. Tinha que me afastar deles.

Cambaleei de volta para a biblioteca e vi os cadáveres esqueléticos e decompostos se aproximando de mim por um corredor entre duas estantes.

Fiquei girando sem parar. Para onde podia correr?

Os manequins com meu rosto cambaleavam às minhas costas. Os cadáveres se arrastavam à minha frente.

Eu estava encurralado.

Foi aí que vi Darnell e os jogadores de futebol americano entrarem correndo na sala. Eles começaram a examinar as prateleiras, procurando por mim.

Eu queria cobrir a cabeça, entrar num buraco e desaparecer.

Como é que podia escapar? Os cadáveres, os manequins falantes, os jogadores de futebol americano furiosos — todos queriam me pegar!

Meus olhos começaram a percorrer a sala freneticamente. Havia alguma coisa ali que eu pudesse usar como arma? Que fosse útil para lutar contra eles?

Não. Apenas livros. Centenas deles.

Então, por entre as estantes, vi o sr. Blister se arrastar pesadamente para dentro da sala. Ele parou e começou a coçar a careca, observando aquela multidão estranha. Mesmo estando do outro lado da sala, eu podia ver a expressão confusa em seu rosto.

“Senhor Blister! Pode me ajudar? Senhor Blister?”

“É você, Artie?”, ele gritou.

“Eu sou o Artie!”, os manequins diziam. “Eu sou o Artie. Eu sou o Artie.”

Saí correndo na direção dele. Curvei o corpo e fui trombando com os cadáveres esqueléticos para tirá-los do caminho. Passei correndo por eles. Braços caíram, cabeças rolaram pelo chão.

“Senhor Blister, pode me ajudar?”

Eu tinha corrido até ele, meu coração estava acelerado.

O sr. Blister não respondeu. Só ficou me encarando com aquela expressão confusa no rosto.

Os jogadores de futebol americano nos cercaram. Os cadáveres restantes se agruparam em volta. Os manequins falantes se juntaram à multidão.

Todos formavam um círculo apertado ao nosso redor. Eu sabia que o sr. Blister era minha única chance de sobreviver.

“Senhor Blister... Por favor!”, implorei.

E foi então que alguma coisa aconteceu com o corpanzil dele.

Sua barriga começou a pular e rolar para cima e para baixo. Seus ombros se ergueram e seus braços começaram a ondular e serpentear — como cobras.

Sua cabeça caiu para trás de tanto que sua barriga tremeu e balançou dentro daquele moletom apertado.

“O q-que está acontecendo?”, gaguejei.

Aquele corpo enorme começou a se despedaçar. Literalmente, pedaços da barriga e do resto do corpo se desprenderam e caíram.

Fiquei olhando apavorado nacos enormes de carne despencando de sua barriga.

E foi então que vi que não eram nacos de carne. Eram animais. Fuinhas sem pelo, ou outro tipo de rato comprido.

Os animais escorregavam da barriga do sr. Blister e desabavam no chão.

“Você... você não é humano!”, consegui dizer.

O corpo inteiro dele era feito de animais! Animais fortemente prensados.

E agora aquelas criaturas parecidas com fuinhas se soltavam de seu corpo enorme. Desmoronavam no chão e saíam correndo em debandada.

Observei horrorizado o sr. Blister desaparecer completamente. A última fuinha sem pelo se debatia correndo pelo chão.

Agora eu estava sozinho, cercado pelos cadáveres, pelos manequins e pelos garotos enfurecidos.

Eles foram chegando mais perto, em silêncio.

Ergui os punhos para lutar.

E usei os braços para me proteger à medida que eles iam me enterrando... enterrando na escuridão.

Quando a escuridão se dissipou, dei de cara com uma luz muito intensa.

Fechei os olhos de novo.

Escutei a voz de uma mulher. “Acho que ele está acordando.”

Então ouvi minha mãe. “Que bom! Artie? Está acordado?”

Hã? Acordado?

Abri os olhos mais uma vez. Usei minha mão para protegê-los da luz.

Será que eu estava de volta à minha cama? O dia estava começando mais uma vez?

Não. Eu estava esticado em uma cadeira. Inclinação para trás. Havia uma lâmpada fluorescente comprida no teto e uma pia ao lado da cadeira.

A dra. Wolfe se debruçou sobre mim. Minha dentista. “Ele está acordado”, disse.

O rosto da minha mãe apareceu ao lado dela. “Artie? Você foi ótimo. Acabou a consulta.”

Pisquei com força. “Consulta?”

A dra. Wolfe sorriu para mim. Ela tirou sua máscara branca e jogou os cabelos castanhos para trás. “Desculpe, Artie. Não pensei que a anestesia fosse apagar você por tanto tempo. Mas estará totalmente recuperado na hora do jantar.”

Anestesia? Agora eu estava me lembrando. A consulta. A dentista me fez dormir com um gás anestésico.

“Uou”, eu disse. Sacudi a cabeça. Eu estava estranho, tonto.

A dra. Wolfe riu: “Artie, você teve algum sonho estranho quando estava apagado?”.

Concordei com a cabeça. “Hã... sim. Tive um sonho *muito* estranho.”

Ela balançou a cabeça. “É, os pacientes sempre dizem que têm os sonhos mais malucos quando estão anestesiados.”

“Tive um sonho muito louco”, continuei, e deixei escapar um longo suspiro. “Estou *muito* feliz que foi apenas um sonho.”

“Você se lembra dele?”, a dra. Wolfe perguntou.

“Sim. Sonhei que o mesmo dia se repetia”, eu disse. “E esse dia foi ficando cada vez mais assustador.”

“Interessante”, disse a dra. Wolfe.

“Vamos para casa”, disse mamãe, puxando o meu braço. “Você pode me contar sobre o sonho no carro.”

“Acho que não”, eu disse. “Não quero falar sobre ele.”

Eu me lembrei dos cadáveres apodrecendo e dos animais despencando do corpo enorme do sr. Blister.

“Só quero esquecer tudo isso”, eu disse. “Acabou. *Finalmente* acabou!”

Wowser ficou feliz de me ver. E eu também fiquei feliz de vê-lo — sem uma mão

pendurada na boca.

Meus dentes doíam muito, mas mamãe tinha feito espaguete para o jantar, e deu para comer tudo com facilidade.

Dormi muito pesado aquela noite. Às vezes acordo de manhã bem cedo e não consigo mais voltar a dormir, mas não tive esse problema.

Quando o despertador tocou, às sete, o som me assustou. Caí da cama.

Despenquei com tudo no chão e bati a cabeça.

“Aiii!”

Eu ainda estava esfregando o local quando mamãe entrou no quarto. “O que você está fazendo aí no chão?”, ela perguntou.

“Meus exercícios matinais”, eu disse. “A primeira parte do treino é cair. A segunda é levantar.”

“Muito engraçado”, ela disse. E então começou a juntar a roupa suja do chão. “Você não tem tempo para fazer exercícios, Artie. É o primeiro dia de aula.”

“Hã?” Fiquei em pé num pulo. “O que você disse?”

“É o primeiro dia de aula”, ela repetiu. “Você sabe disso. Agora, vamos, vá se vestir. Você não vai querer chegar atrasado no seu primeiro dia de aula na escola nova.”

Fiquei de boca aberta, olhando para ela. “Será que eu nunca vou ter um segundo dia? Está... está realmente começando tudo de novo?”

"Chris, esse controle está colado na sua mão?", perguntou papai. "Você está jogando há horas."

Apertei o pause.

"É um jogo sensacional", eu disse. "Quase passei da primeira fase."

Ele se jogou no sofá ao meu lado. Derrubou um pouco do refrigerante, mas pelo visto nem percebeu.

"Que tipo de jogo é esse, Chris?", ele perguntou, olhando para a tela. "Um jogo de guerra?"

"Não", expliquei. "É um jogo bem diferente. Chama *É o primeiro dia de aula sempre*."

"E o que você tem que fazer?", papai quis saber. "Como é que se joga?" Ele pegou o controle da minha mão e ficou examinando.

"Bom, primeiro você escolhe um avatar", expliquei. "Escolhi esse cara aqui, Artie."

"Isso quer dizer que você controla o Artie no jogo?", papai perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. "Isso, eu sou o Artie. Ele vai para uma nova escola. É o primeiro dia de aula. E um monte de coisas esquisitas acontece com ele. Tenho que fazer o Artie passar pelo primeiro dia de aula."

"Parece fácil", disse papai. Ele me devolveu o controle.

"Mas não é", eu disse. "Um monte de coisas ruins acontece com ele. Tem monstros, escorpiões gigantes, mortos-vivos, coisas assim. Às vezes ele nem consegue sobreviver ao primeiro dia, e você tem que começar tudo de novo."

Papai balançou a cabeça. "E você quase passou de fase?"

"Sim", eu disse. "Consegui chegar até a dentista, mas aí o primeiro dia começou de novo e vou ter que voltar pro começo. Sabe como é, tentar alguma coisa diferente."

"Parece divertido", disse papai. "Mostra pra mim como é." Ele tomou um gole do refrigerante e ficou olhando para a tela da TV.

Apertei o pause de novo.

"Tá, fica olhando", eu disse. "Olha só o que acontece quando o cachorro do Artie vai atrás dele até a escola. Olha só, papai. Olha que confusão."

R.L. STINE nasceu em Ohio, Estados Unidos, em 1943. É autor de mais de trezentos livros, incluindo a série de enorme sucesso Goosebumps, que deu origem a um programa de televisão. É considerado o Stephen King da literatura infantojuvenil, e seus livros já venderam mais de 400 milhões de exemplares no mundo todo.

Mais informações:

www.rlstine.com

@RL_Stine

Copyright © 2011 by R.L. Stine

Todos os direitos reservados.

Originalmente publicado pela editora Feiwel & Friends, LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL *It's the first day of school... forever!*

CAPA Alceu Nunes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Sattu

PREPARAÇÃO Laura Finisguerra

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Juliane Kaori

ISBN 978-85-8086-444-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br